

PERNAMBUCO



VOCÊ TEM DE CURTIR

OS USOS E ABUSOS QUE AS REDES SOCIAIS
FAZEM DAQUILO QUE SE CHAMA LITERATURA

RAÍZA BRUSCKY

GALERIA RODRIGO LÔBO

Repórter fotográfico do Jornal do Commercio.
<http://www.flickr.com/photos/rodrigolobo>



COLABORADORES



Elvira Vigna, autora de, entre outros, *Nada a dizer* e *O que deu para fazer em matéria de história de amor*



Felipe Arruda, gestor cultural e escritor. Teve textos publicados na antologia *Tempo bom* (Ed. Iluminuras, 2010), e foi vencedor do concurso literário da *Revista Piauí*. Escreve no blog felipearruda.blogspot.com



Luís Fernando Moura, jornalista e crítico de cinema

E MAIS

Fábio Andrade, escritor e crítico literário. **Mariana Ianelli**, crítica literária e escritora, apresenta nesta edição textos do seu novo livro *Amor e depois*. **Paula Fontenelle**, jornalista e autora de *Suicídio: O futuro interrompido*.

CARTA DO EDITOR

Se você tem Facebook, já deve ter visto o seguinte texto da escritora Martha Medeiros circulando por aí: “Pessoas com vidas interessantes não têm fricote. Elas trocam de cidade. Sentem-se em casa em qualquer lugar. Investem em projetos sem garantia. Interessam-se por gente que é o oposto delas. Pedem demissão sem ter outro emprego em vista. Aceitam um convite para fazer o que nunca fizeram. Estão dispostas a mudar de cor preferida, de prato predileto. Começam do zero inúmeras vezes. Não se assustam com a passagem do tempo. Sobem no palco, tosam o cabelo, fazem loucuras por amor e compram passagens só de ida.”

O sucesso desse texto de Martha Medeiros nos ajudou a pensar no uso que as redes sociais andam fazendo da Literatura, que é o tema da nossa primeira edição do ano. Por que certos autores ganham mais atenção do que outros? O que faz um texto ganhar muitos “likes” na internet? Essas são algumas das perguntas que o repórter Luís Fernando Moura problematiza para os nossos leitores, inclusive com depoimento da própria Martha, que tem visto vários textos seus falsificados circulando por aí. “Como não estou em nenhuma rede

social, ouço falar e acho tudo meio surreal. Reconheço a abrangência, a homenagem, o carinho, mas muita coisa está atribuída a mim sem ser eu a verdadeira autora, a gente sabe como a internet espalha equívocos”, diz. Por um lado, admite, sente-se ‘honrada’. “Mas troco mil pessoas que leem textos deturpados por um único leitor que leia o texto original”, comentou Martha para a nossa reportagem.

Essa edição conta ainda com o começo de uma série que irá recuperar a memória de alguns dos mais importantes críticos literários do estado, feita por Fábio Andrade, que irá continuar até junho. Além de uma entrevista reveladora de Marcelino Freire, que fala sobre o processo de composição do seu primeiro romance. “É um romance curto, de frases curtas, tem lá o meu estilo. Foquei meus recursos em um único personagem, um poeta velho (tem muito velho no livro) que vive às voltas com travestis, ácidos e garotos de programa. E tem algo de história policial, creia. Acontece uma morte misteriosa logo nos primeiros parágrafos... Aguarde”, adianta um dos nossos principais contistas.

Boa leitura e bom 2013.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO
DE PERNAMBUCO
Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil
Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

COMPANHIA EDITORA
DE PERNAMBUCO – CEPE
Presidente
Leda Alves
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL
Everardo Norões (presidente)
Antônio Portela
Lourival Holanda
Nelly Medeiros de Carvalho
Pedro Américo de Farias

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO
Debóra Nascimento, Gilson Oliveira e Mariana Oliveira (revisão), Mariza Pontes e Marco Polo (colunistas)

ARTE
Janio Santos e Karina Freitas (diagramação e ilustração)
Sebastião Corrêa (tratamento de imagem)

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva



PERNAMBUCO é uma publicação da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140
Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

BASTIDORES

Começar,
terminar,
recomeçar

Para marcar sua estreia na ficção, escritor monta, especialmente para o Pernambuco, um “gráfico” da ação por trás de cada um dos minicontos do seu livro

no 1 – uma escultura de argila vira uma foto, que vira um papel de parede, que vira uma outra coisa e assim por diante. **no 2** – um terremoto abala uma loja de tintas. **no 3** – uma palavra vai parar no jantar de uma família e, em seguida, é protagonista de um trágico desfecho. **no 4** – um acidente de Fuscas. **no 5** – um menino revive um ciclo de imagens. **no 6** – cadeiras são empilhadas conforme o ritmo do samba. **no 7** – no topo de um prédio, um matinho começa a crescer. **no 8** – o que passou com as ideias no dia em que o mundo acabou. **no 9** – no mundo das ideias. **no 10** – um universo de adjetivos. **no 11** – a bandeira do Japão estampada repetidamente. **no 12** – Arruda-Guiné apresenta instalação poética e dirige peça de teatro. **no 13** – um verso escrito no ar. **no 14** – um homem que não contava passos. **no 15** – ideias sobre Ele. **no 16** – ao arrumar a casa, Arruda-Guiné termina criando nova instalação poética. **no 17** – uma casa para alugar. **no 18** – lojas de catapultas, bumerangues e zarabatanas aquecem o comércio de uma avenida. **no 19** – uma senhora troca de olhos com um poodle. **no 20** – Arruda-Guiné lança seu primeiro livro. **no 21** – uma corrida de pedalinho da terceira idade. **no 22** – no dia em que o dinheiro vier com nosso nome escrito e toda demissão trouxe uma mensagem de carinho. **no 23** – uma poltrona vermelha num deserto branco. **no 24** – um assalto branco. **no 25** – Arruda-Guiné passa por crise criativa. **no 26** – um satélite faz uma foto: a orquestra, o vulcão e os dragões. **no 27** – sobre uma matéria desprezada. **no 28** – Arruda-Guiné, animado com o clima de Copa do Mundo, monta um trabalho com as figurinhas do campeonato. **no 29** – um balão amarelo leva champanhe à periferia. **no 30** – cinemas são palco de cirurgias e o público interage. **no 31** – astronautas sofrem de azia durante missão lunar. **no 32** – Arruda-Guiné precisa digerir o término de seu casamento e faz viagem de navio. **no 33** – os dedos enquanto dormimos. **no 34** – sobre avistar um homem. **no 35** – a última intervenção pública de Arruda-Guiné é simular seu próprio enterro. **no 36** – um encontro na faixa de pedestres. **no 37** – nosso sistema de mecanismos involuntários e o outro lado das coisas.

Felipe Arruda

Ao escrever *Efeitos*, aprendi que é difícil afirmar quando se começa um livro. Ficou, no saldo dessa estreia, a impressão de que é algo que tem vários começos. O momento em que se escreve o primeiro texto é um deles. Mas também quando se descobre o título, quando se conta a ideia para alguém, quando se coloca o projeto à prova de seu próprio crivo, quando se decide que ele vale a pena.

Assim, melhor dizer que *Efeitos* começou com um exercício. Foi pela prática de uma liberdade quase infantil que passei a imaginar textos curtos, que tiveram o atrevimento de convidar à convivência coisas como um matinho que cresce no topo de um prédio e uma senhora que troca de olhos com um poodle. Não sabia aonde estava indo, mas reconhecia uma paisagem desejada.

A paisagem de *Efeitos* é diversa. Logo que surgiram os efeitos de número 1 a 5, já estava presente a vontade de dar diferentes tratamentos à linguagem, de lidar com a variedade de assuntos e imagens, de não criar uma relação direta entre eles. Entendi que o que daria coerência ao conjunto seria uma espécie de personalidade dos textos, que tinham em comum a ironia, a metalinguagem, o distanciamento do real e a forma curta e de gênero indefinido. Além disso, mais intuição e menos controle. Tinha uma lente ajustada para ver no mundo aquilo que eu passei a chamar de efeito.

Essa palavra foi escolhida, a princípio, pelo apelo visual de alguns textos, depois pelos jogos com a linguagem, então pelo fato de não serem contos, nem crônicas, nem poemas e, no fim, por eu crer que poderiam dar conta de uma família de identidade múltipla. Ao nomear todos os textos efeitos, numerando-os sucessivamente, o termo foi perdendo, aos poucos, para mim, os significados a ele

atrelados, para significar nada, ou alguma outra coisa já distante de si.

Durante cerca de um ano, 53 efeitos se candidataram ao livro, gerando mais de uma dezena de versões semifinais, que sempre terminavam com 37 textos escolhidos. Essa organização muitas vezes foi feita sobre o tapete grande da sala de casa, com os textos impressos em páginas individuais posicionadas sequencialmente. Assim, eu podia reordená-los com mais facilidade do que no computador, conseguia visualizar o livro de forma imediata como conjunto e me entretinha, literalmente, contornando o problema.

Depois de três anos do início – com reescritas, leituras críticas de amigos e revisões – o livro ficou pronto em Berlim, onde morei por um ano. Na volta a São Paulo, *Efeitos* foi lançado pela EDITH, na abertura da Balada Literária. Aprendi, nesse dia, que é difícil afirmar quando se termina um livro. O último conto, o ponto final e o envio à gráfica são fins possíveis. Lançá-lo ao mundo é, sem dúvida, um recomeço.

E se relatar o processo de escrita é uma forma de recomeçar, é também penar para dizer do que trata o livro. Certo de que esse texto não dá conta da tarefa, compartilho uma breve nota (ver ilustração acima) sobre cada efeito, na esperança de que também não seja o suficiente, e de que reste só mesmo a ele – ao livro – essa função.

O LIVRO



Efeitos
Editora Edith
Onde comprar <http://visiteedith.com>
Preço R\$ 30,00

CARTUNS

YELLOW THREAT
[HTTP://ERVILHASMARAVILHA.COM/](http://ervilhasmaravilha.com/)



ESPECIAL

Contra a tentação da verdade total

O **Pernambuco** inicia série em que relembrará a obra de críticos pernambucanos

Fábio Andrade



A LÓGICA DA IMPORTÂNCIA ESQUECIDA

A crítica literária vive o tempo de uma redescoberta: quando a crítica que é feita nas universidades, por exemplo, passa a ser questionada por uma tradição de crítica que se fez no espaço público dos jornais, num diálogo intenso com a vida presente e imediata, e que começa a ser resgatada. Ao mesmo tempo, essa “crise”, ou seja, essa crítica da crítica, pode também favorecer a compreensão de que muitos críticos literários ligados à academia tiveram independência suficiente para pensar os métodos de estudo da Literatura não como verdades encasteladas, mas como um movimento dinâmico. Outro detalhe: tal movimento não é algo estranho ao nosso lugar, ao nosso local. Ele está na província também, representado por nomes de peso, nomes que começam a emergir, ganhando evidência. Assim, iniciamos uma série de artigos que buscam apresentar para um público mais amplo seis importantes nomes da crítica literária do Estado.

Joel Pontes foi um crítico que defendeu a intuição. Semelhante a Álvaro Lins – com este tem em comum também a origem: a cidade de Caruaru –, ele via a intuição como uma importante ferramenta do trabalho crítico. Ideia condenada pelas correntes formalistas que debutariam em nosso país no final dos anos 1940, afirmando estar em busca de mais rigor para a crítica literária.

Num certo sentido, podemos dizer que Joel Pontes vinha de uma linhagem de críticos humanistas que viam a prática da crítica literária muito mais como um gesto de amor do que como uma atividade científica, embora ele tenha se dividido entre o jornal e a academia. Ele mesmo nos diz isso no seu texto *O aprendiz de crítica*, publicado no *Diário de Pernambuco*, em 1957: “Se o crítico pensa em ser profundo tem que amar o poema. Não digo que ame cada poema, mas o Poema, extraindo forças desse amor, não só para louvar ou condenar os casos particulares, como para retomar antigos processos e estudá-los à luz de novos métodos, julgar, enfim”. Para toda uma crítica feitas nos

jornais – a chamada crítica de rodapé –, era papel do crítico interpretar a obra literária, ou seja, investi-la com uma leitura particular concebida pela sua própria experiência de leitor; e, ao mesmo tempo, emitir um juízo sobre o valor dessa mesma obra.

Foi o que fez Joel Pontes, assim como tantos outros críticos de rodapé que agora começamos a redescobrir, entre eles o valioso Álvaro Lins. Como Lins, Joel Pontes pôs em prática os principais preceitos da crítica de rodapé de fundo humanista: tentar averiguar as relações da obra emergente com as questões do seu tempo; ler as obras do presente e do passado, estabelecendo conexões importantes entre tradição literária e as obras que eram então lançadas; emitir juízos a respeito do valor das obras, sem o pudor de errar; refletir sobre o próprio trabalho do crítico reconhecendo suas limitações; e utilizar a intuição que nascia do impacto da leitura para auxiliar na seleção de um modo de leitura do poema, do conto, da obra enfim.

O método de crítica de Joel Pontes era definido assim, por ele mesmo: “Tento uma análise da impressão inicial, tão cingida à obra quanto possível e logo uma análise da criação – o que me parece mais difícil ainda. É a tentativa de chegar ao centro”. Essa ideia de centro não deve ser lida como um sentido único ou correto, ou exato, atribuído à obra e a que o crítico, supostamente, teria acesso. Ele mesmo nos adverte: “Um crítico nunca pode estar certo de que interpretou um poema com exatidão”. Esse centro de que ele fala diz respeito aquilo que poderíamos chamar de unidade interpretativa. Ou seja, a partir da impressão inicial da leitura, da qual nasce a intuição, o crítico vai, à medida em que relê a obra, confirmando, ratificando, repondo, a impressão inicial e aprofundando a sua intuição – que nem sempre está “certa”, daí ele reconhecer os limites da crítica e seus equívocos.

Joel de Albuquerque Pontes Freitas, nascido em Caruaru, em 1926, concluiu seus estudos no Recife, onde passa a morar definitivamente a partir de 1941.



Formou-se em Direito e Filosofia. Foi preso na antiga Casa de Detenção do Recife (hoje Casa da Cultura) por ter participado juntamente com Gilberto Freyre, Aníbal Fernandes e muitos outros intelectuais da famosa passeata pela redemocratização do país, na qual morreu um dos seus organizadores – o estudante da Faculdade de Direito do Recife, Demócrito de Souza Filho. Participou do Teatro de Estudante de Pernambuco, juntamente com Ariano Suassuna e Hermilo Borba Filho. Aqui se inscreve outra faceta sua que foi a participação ativa no teatro, como ator e como crítico também, tendo sido até o primeiro Herodes na Paixão de Cristo de Nova Jerusalém.

Desde cedo sua trajetória nos jornais – principalmente *Jornal do Commercio* e *Diário de Pernambuco*, mas também em outros jornais brasileiros e mesmo em periódicos estrangeiros – conviveu com a atividade acadêmica: lecionou na Universidade Federal de Pernambuco Literatura brasileira e portuguesa e Literatura dramática no curso de Artes Cênicas, tendo sido presidente do Instituto de Altos Estudos Portugueses da UFPE. Como palestrante, visitou Portugal, Espanha, França, Itália e México. Foi professor convidado de literatura luso-brasileira nos EUA, nas universidades de Nova Iorque, Washington, Los Angeles, São Francisco, New Orleans, Tulane e Austin. O convite para lecionar na Sorbonne não foi atendido devido à sua morte em 1977, aos 51 anos.

Como crítico, a participação nas questões do seu tempo era uma inquietação permanente. E disso decorreu uma atitude prática e direta: foi cofundador da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC), com o título de “Campanha do Ginásio Pobre”. Para os críticos de rodapé, aqueles que escreviam para os jornais regularmente para atender à demanda das obras que eram lançadas, pensar a literatura inserida no horizonte social em que ela nascia era fundamental. Assim também atuaram Álvaro Lins, Otto Maria Carpeaux, Sérgio Milliet e tantos outros. Ivan

Joel Pontes faz uma interessante distinção entre o regionalismo dos anos 1930 e aquilo que ele chama de novo regionalismo

Junqueira, em recente artigo num número especial da revista *Continente*, dedicado justamente a celebrar o centenário de nascimento de Álvaro Lins, lembra que para esses críticos o crítico não podia fugir ao fato de ser uma figura pública e assumir a responsabilidade de orientar e formar o gosto de um público leitor. E para isso devia assumir a sua dimensão de cidadão e, conseqüentemente, de animal político.

Ao escrever sobre o romance de estreia de Hermilo Borba Filho, *Os caminhos da solidão*, em 1958, no *Diário de Pernambuco*, um ano após a publicação do livro, Joel Pontes faz uma interessante distinção entre o regionalismo dos anos 1930 e aquilo que ele chama de novo regionalismo representado, entre outros, por Hermilo. Logo no início distingue um regionalismo inerente à criação literária: “Não sou dos que julgam morto o regionalismo nem penso que venha a morrer ou tenha morrido em qualquer tempo ou país”. Ele percebia que o escritor se inscreve em “realidades

sociais e psicossociais, independente das influências de um pensamento coletivo e diretivo.” E continua: “Nesse sentido houve e há regionalistas. As histórias da Literatura estufam de exemplos”. Em outras palavras, a partir do momento em que o escritor se acerca intimamente da realidade social que o atravessa e a partir dela extrai a matéria-prima de sua criação, ele será um regionalista. Seja Dante, Racine ou Faulkner.

Essa percepção do regionalismo próprio de determinadas criações literárias sem necessariamente participarem de um movimento “consciente e elaborado por um grupo”, relativiza a ideia de regionalismo como Literatura fora do centro. É comum chamar a Literatura do Nordeste, até hoje, de regionalista simplesmente por ela ocupar uma posição periférica em relação a determinado eixo cultural que se pensa como medula da sensibilidade literária de um vasto país como o nosso. Trazendo isso para o nosso momento, tanto a literatura de um Ronaldo Correia de Britto quanto a literatura de um Marcelo Mirisola seriam regionalistas – as duas partindo da percepção de uma realidade social específica, uma de Pernambuco e outra de São Paulo, sem participarem de um movimento ou darem às suas obras essa direção.

Importante ainda lembrar que embora ele faça ressalvas a esse novo regionalismo, então representado por Hermilo em seu artigo, onde há uma “inquietação evidente no domínio da técnica” e “nunca a simplicidade de uma preta velha de engenho rodeada de meninos”, reconhece o valor dessas novas experiências: “Acho que essa procura de novos meios técnicos é uma exigência do ato criador, deve ser respeitada e aprovada”. Esse tipo de cotejo representava também o constante cruzamento da Literatura do passado, mesmo recente, com a Literatura que ia sendo produzida e publicada.

Para Joel Pontes o erro era uma dimensão inevitável da crítica, algo inerente à sua prática: “Essa coragem dupla – de afirmar e, quando necessário, retratar-se – também faz parte da ética do crítico, como a mais perigosa das suas qualidades. É no seu exercício que pode ver desabar todo o prestígio quem goze do maior dos respeitos mas também é aí que está a grandeza do julgamento e a possibilidade de perfeição”. A plenitude da crítica como uma atividade que se vê limitada por suas próprias forças – essa a sua perfeição. O que Joel Pontes chama de *escudo da autocrítica*. Que permitirá ao crítico defender-se da tentação da verdade.

Justamente o caráter interpretativo, diríamos hermenêutico, dessa crítica é que foi amplamente criticado pelas tendências formalistas que se opuseram a ela; porque aí, na interpretação, se inscreve o tom pessoal ou aquilo que particulariza uma determinada leitura de um poema ou romance. Ou seja, a dimensão interpretativa da crítica, juntamente com a possibilidade de, a partir da interpretação, julgar transformam-na numa atividade atravessada por erros e equívocos.

Entende-se assim porque o estruturalismo considerou a interpretação como algo dispensável e, conseqüentemente, a própria necessidade de julgar. Isso acarretou uma hipertrofia da análise literária, ou seja, dos métodos de *decomposição* do texto – análise quer dizer *decompor* – e uma supressão da interpretação. Suprimir a interpretação e o julgamento assegura um caráter mais científico à prática crítica na medida em que a exime de demonstrar o que o texto pode significar para o indivíduo e para o tempo em que ele está inserido, limitando-se a demonstrar apenas como o texto funciona. Nas palavras certeiras de Joel Pontes sobre o *escudo da autocrítica*: “Não me deixa satisfeito nem crente de que sejam perfeitos os meus juízos; mas por isso mesmo me anima de modo crescente a prosseguir no aprendizado a que me destinei por gosto e amor”. Assim apresentada a atividade crítica parece bem mais próxima, menos dogmática, dotada de certa humildade e, principalmente, consciência histórica.

Indicações fundamentais para conhecer a obra crítica de Joel Pontes são seus livros *Ensaios do visitante*, de artigos escritos durante sua estada nos EUA; o imprescindível *O aprendiz de crítica*, em dois volumes, reunindo parte de seus escritos de jornal e seu *Teatro moderno em Pernambuco*. Praticante de uma crítica anfíbia, dividindo-se entre o jornal e a universidade, Joel Pontes foi representante do que melhor podia produzir a crítica de rodapé ou acadêmica: o estudo do texto como uma extensão do amor à Literatura, ciente de suas limitações e cioso de sua responsabilidade em formar o gosto e a sensibilidade, garantindo que o texto literário ressoe no concerto geral da cultura.

ENTREVISTA
Marcelino Freire

“A morte da minha mãe quase me matou. Você sabe”

O escritor pernambucano revela que está escrevendo seu primeiro romance e fala sobre como os traumas familiares acabaram dando um novo rumo à sua escrita *sui generis*

Entrevista a **Schneider Carpeggiani**

O homem das narrativas curtas, breves, escritas para serem lidas em voz alta, gritadas, como se o leitor estivesse participando de um recital, está passando por um período de mudanças: o pernambucano Marcelino Freire vive o processo de escrever seu primeiro romance, após uma década de alguns dos livros de contos mais impactantes da literatura brasileira recente, como *Angu de sangue* e *Contos negreiros* (vencedor do Prêmio Jabuti). “Mas talvez eu não mostre a ninguém (o romance). É uma experiência”, nos contou o homem que sempre parecia se orgulhar do seu (afiado) fôlego curto.

Mas o que estaria acontecendo no mundo de Marcelino Freire, para que ele tenha decidido deixar de lado, ainda que temporariamente, o gênero que tanto o celebrou?

Talvez uma das pistas esteja na morte da sua mãe, em 2010, personagem central no documentário *SP – Solo Pernambucano*, que faz um balanço da sua carreira e está em processo de pós-produção. “A minha mãe era o barulho da minha literatura; o meu pai, o silêncio”, revelou o escritor num encontro que tivemos em novembro, durante sua participação num evento literário promovido pelo Sesc de Garanhuns. A ideia de fazer essa entrevista com Marcelino surgiu justamente durante a mediação que fiz com ele para esse evento. Poucas vezes vi o autor se abrir de forma tão direta sobre o estofo que forra sua literatura. A impressão é que ele chegou à compreensão total da obra que realiza.

“A fala de meus personagens é munida dessa força – a mesma que me leva a escrever. Não está sendo diferente com o romance. Leio-o diversas vezes, ‘rezo’ cada palavra que escrevo, é preciso que o texto tenha ritmo, pulsação, verdade. Não escrevo um parágrafo sem parar para ouvir o que estou fazendo. Meu corpo tem de aprovar essa minha ‘música’ narrativa”, comentou o autor nessa entrevista na qual ele revela ainda o quanto sua obra antecipou algumas das discussões sociais em pauta e comenta qual é o seu grande “vexame”.

MARIO MIRANDA FILHO/DIVULGAÇÃO



Uma das particularidades do seu trabalho sempre foram os textos curtos, a prosa rápida, os contos que dependem da imagem, do jogo de palavras. Uma particularidade curiosa num contexto literário em que o gênero romance parece ter o mais alto grau na escala de valor. Mas agora você está testando escrever o seu primeiro romance. Por que essa mudança? As narrativas curtas não estão mais dando conta para o que você quer falar?

Nesse tempo todo, abandonei três projetos de romance. Tenho três arquivos até hoje, jogados lá no buraco negro de meu computador. Toda hora eles ficam me lembrando da minha incompetência,

dificuldade, falta de fôlego... Agora sinto que está diferente. Acho que amadureci para enfrentar a batalha. O romance, na verdade, já está escrito. Agora, em férias (*isolado em Buenos Aires durante um mês*), vou reler, reescrever, testar os parágrafos. É um romance curto, de frases curtas, tem lá o meu estilo. Foquei meus recursos em um único personagem, um poeta velho (tem muito velho no livro) que vive às voltas com travestis, ácidos e garotos de programa. E tem algo de história policial, creia. Acontece uma morte misteriosa logo nos primeiros parágrafos... Aguarde.

Um dos clichês críticos sobre sua literatura é que ela é um texto para

“ Dizem que eu sempre dei voz à classe C. Não gosto disso: desta coisa de dar voz. Quem sou eu para dar voz a ninguém?

ser lido em voz alta, o que funciona bastante nos contos, que são mais rápidos e mais imediatos. Como você está levando isso para o romance? Meus textos são mesmo para serem lidos em voz alta. Assim eu escrevo: para reverberar, comunicar. O que mais ouço é de gente que diz que vive espalhando meus contos por aí, lendo em saraus, em teatros, em ensaios. Os atores, por exemplo, adoram interpretar meus personagens. A fala de meus personagens é munida dessa força – a mesma que me leva a escrever. Não está sendo diferente com o romance. Leio-o diversas vezes, “rezo” cada palavra que escrevo, é preciso que o texto tenha ritmo, pulsação, verdade. Não escrevo um parágrafo sem parar para ouvir o que estou fazendo. Meu corpo tem de aprovar essa minha “música” narrativa. Ela me ajuda, inclusive, a resolver alguns impasses da história. Vou seguindo os ruídos...

Na última década, você se envolveu em inúmeras polêmicas. Uma delas, famosa, foi a da paródia com o Prêmio Jabuti, o Prêmio Jaburu, que lhe fez ser alvo de uma série de críticas negativas. Mas, nos últimos anos, você parece estar mais calmo, o que mudou? Nossa! Inúmeras polêmicas??!! Estou me sentindo a Vera Fischer (*risos*). Na verdade, quem primeiro chamou o Jabuti de Jaburu foi o escritor e amigo Ronaldo Bressane. Eu só fiz pedir a reinstalação

do Prêmio Jaburu. E aí virou o maior rebuliço. É porque, não sei, eu falo uma coisinha aqui e a coisinha vira um coisão. A exemplo de quando eu disse que não iria à FLIP (*Festa Literária Internacional de Parati*) porque a Festa havia “tucanado”, isto no ano em que o FHC foi convidado para abrir o evento. Enfim... Agora, olhe só: eu falo as coisas que meu coração pede. E as coisas que meu coração pede, digamos, acabam virando polêmica em um meio muito careta e cheio de dedos como é o da literatura. Mas veja, mesmo falando isto e aquilo, eu não sinto, como você disse, que eu tenha me envolvido em “inúmeras polêmicas”. Sempre fui calminho. Aproveitando o gancho, posso dizer algo polêmico? Esse meu romance é quase autobiográfico (*risos*).

Muitas das discussões de redes sociais hoje, como a questão do lixão, de gays, das cotas raciais, do preconceito contra nordestinos, entre outras, já estavam antes na sua literatura, desde a estreia com *Angu de sangue*. Por que a escolha desses personagens na sua literatura? Você sabia que a queda das Torres Gêmeas, a morte de Michael Jackson e até o Mensalão foram lá, previstos nos meus livros? Eu sou meio Mãe Celina. Creio que a gente escreve “sintonizando” alguma dor, alguma coisa que está girando por aí, o tempo todo. Já me disseram que essa ascensão da classe C também

já estava no que eu escrevo. Dizem que eu sempre dei voz à classe C. Não gosto disto: desta coisa de dar voz. Quem sou eu para dar voz a ninguém? Longe disto. A classe C, D, E, Y, Z não precisa de mim. Eu não sou santo. Cara, sabe, eu escrevo porque dói – como já disse o genial Cláudio Assis (*cineasta*) em relação aos seus filmes. Eu não inventei dor nenhuma. As dores estão aí faz tempo. O problema é que ninguém está aí para elas, entende?

No documentário sobre sua vida, *SP - Solo Pernambucano*, você diz que sua literatura é sobre o vexame. Qual é o seu vexame hoje? Meu primeiro romance será um vexame – espero que não seja um vexame de ruim. O livro é dedicado a um recente jovem namoradinho meu. Na verdade, escrevi essa “porra” para ele. Espero que eu conquiste outros leitores além dele. Ah! Posso fazer propaganda do documentário? O *SP* é lindo. Dirigido por Wilson Freire e Leandro Goddinho, é a história, menos minha, e muito mais de uma guerreira chamada Maria do Carmo Freire, a minha mãe, morta em 2010. A morte dela quase me matou, você bem sabe...

Sua literatura sempre foi muito peculiar, *sui generis*, é fácil reconhecermos sua voz narrativa. Quem seriam seus pares literários ou você se sente isolado? Sou filho do Dalton Trevisan. Aliás, recebi um livro

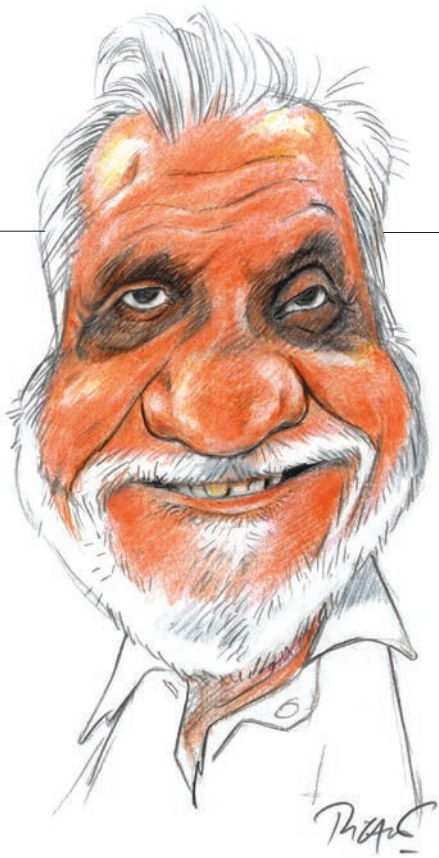
“ Eu não inventei dor nenhuma na minha obra. As dores estão aí faz tempo. O problema é que ninguém está aí para elas, entende?

autografado do Dalton, com quem mantenho um certo contato. Ele escreveu lá na dedicatória que é meu “admirador e leitor fiel”. Depois dessa, posso morrer. Sou também filho de Jean Genet, de Manuel Bandeira, de Luiz Gonzaga – algo pulsa lá do Gonzagão no que eu faço. Sou coirmão do André Sant’Anna, do saudoso Wilson Bueno, adoro a soltura da poesia de Angélica Freitas... O poeta Miró me emociona. Cláudio Assis é foda, o mestre Raimundo Carrero, Xico Sá. Atualmente estou de olho no João Gomes, um moleque aí do Recife de 17 anos que já tem personalidade e putaria de sobra. Vai longe...

Você está escrevendo o roteiro para uma história em quadrinhos. Como é esse projeto? A impressão é que agora você quer se arriscar mais como autor, estou certo? Eu vivo me arriscando, sempre. Não gosto de me sentir pronto. Observe o tanto que vivo aprontando: selo Edith, antologia de microcontos (*em 2004*), Balada Literária... Fazer um evento como a Balada há sete anos, sem um puto, é uma aventura. Ter levado ao evento Antonio Candido, Augusto de Campos, Caetano Veloso, José Luandino Vieira, Mário Bellatin, Raduan Nassar, e muitos outros heróis meus, foi um feito e tanto. Sabe o orgulho que eu mais tenho? O de não ser um escritor bundão. Definitivamente, eu não sou um escritor bundão. Sobre a HQ, ela se chama *Mulungu* e faz parte daquele

projeto da Companhia das Letras. Ela já está com a primeira versão pronta. Quem a desenhou porretamente foi o Eloar Guazzelli. Fiquei feliz demais com a experiência. E estou escrevendo de novo para teatro, texto inédito para o Coletivo Angu de Teatro que faz 10 anos agora em 2013. Eu quero é mais, sempiternamente, me “inventurar” – essa mistura eterna de invenção e aventura, entende?

Você perdeu sua mãe há dois anos e essa perda teve uma força radical na sua vida pessoal. Como essa perda se reverteu em sua literatura? Eta danado! Sempre que eu sonho com a minha mãe, ela está feliz, plena, descansada. Sua missão foi bem cumprida. Isso eu quero fazer da minha vida: essa coisa viva, bem vivida, na raça, na força, essa comunhão, sei lá. Minha mãe era essa transparência, autenticidade constante. Isso está no que eu faço, procuro reconhecer essa pegada no que eu escrevo, nos personagens que eu crio. Tudo pulsa. Nada de nhenhêném. A literatura na lata, sem papas nem pompas na língua. Vixe! E a entrevista está terminando e eu não falei do título do meu primeiro romance... Chama-se *Só o pó*. Vai sair pela Editora Record. Minha mãe está lá nesse meu romance. Ressuscitada na figura de um velho travesti. É ela, eu sei, pode apostar, neste meu novo livro, a mãe de todos os travestis.



Raimundo CARRERO

Um homem de mágoas, mas não de queixas

Zé Luiz Passos criou um personagem complexo, que não perde a humanidade

Jurandir poderia ser um homem comum, apenas o chefe de segurança de uma empresa no interior de Pernambuco, ou, quem sabe, o namorado ardoroso de Minie. Decidiu, porém, ser um bom personagem, captado por José Luiz Passos, ao tocar fogo num caminhão da empresa em que trabalhava, em *O sonâmbulo amador*.

Aliás, um ótimo romance construído num monólogo interior bem estruturado, que demonstra as melhores qualidades deste jovem escritor pernambucano, radicado nos Estados Unidos, especificamente na Califórnia, onde ensina e escreve. Com grande competência, aliás.

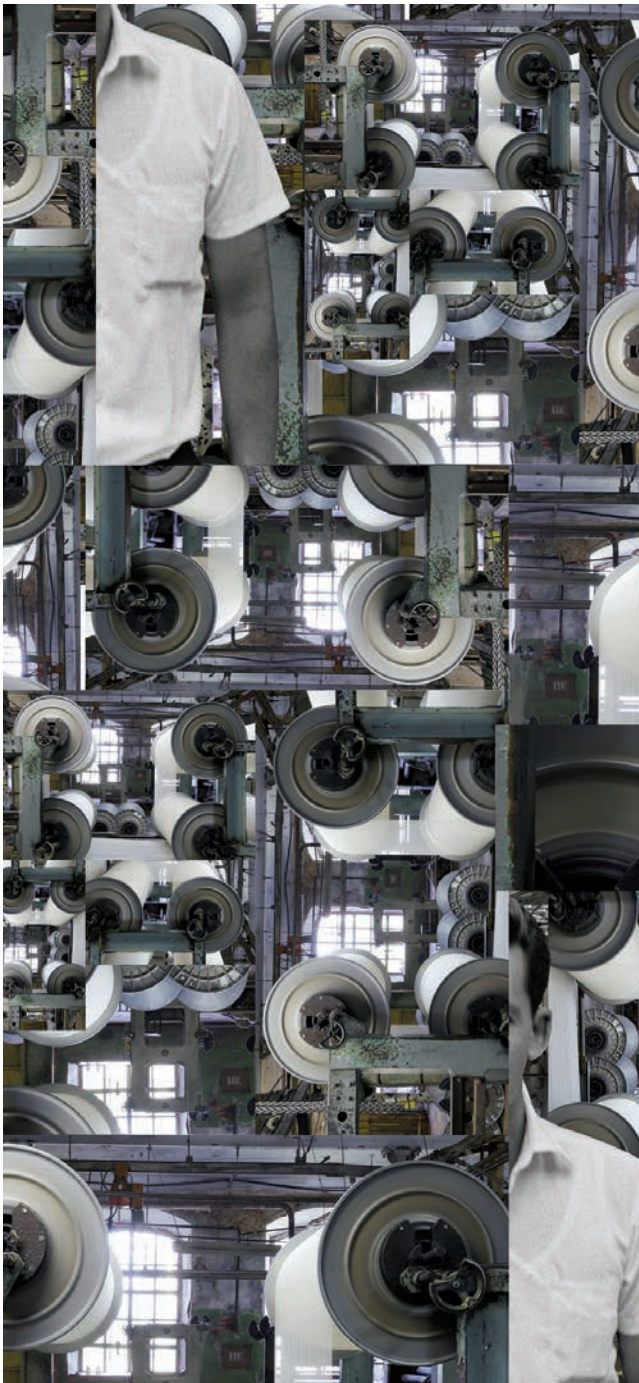
O sonâmbulo amador é o seu segundo romance e mostra um ótimo avanço literário. Construído a partir de um vigoroso solilóquio do personagem, dividido em quatro cadernos, o livro mostra a força do narrador e, é claro, o artesanato do autor. O solilóquio tem sido muito confundido com o monólogo, mas são duas coisas sutilmente diferentes. O solilóquio é desarrumado e, não raras vezes, confuso. O monólogo é linear, reto, organizado. A diferença vem do fato de que, no monólogo, o narrador ou o personagem precisa do ouvido de quem escuta, por isso é mais teatral; no solilóquio, mais literário do que teatral, ou seja, escrito, a voz é mais interior e, por isso mesmo, não precisa de ouvido, daí a ilinearidade. Ambos falam para si mesmos, mas o monólogo pode ser interpretado como discurso em voz alta, enquanto o solilóquio procura um pouco mais os pensamentos interiores. Daí a diferença tão sutil que quase não se pode distinguir. A habilidade técnica do autor – e não do narrador – é que define e distingue. O bom escritor, ou o bom artesão, aparece aí, revela-se por completo. E mostra, verdadeiramente, as razões que o levaram a ser um artista.

É neste sentido que Passos apresenta a sua principal qualidade – o domínio da narrativa, ao lado da criação de personagens, já revelada no romance anterior, agora, no entanto, aguçada. Assim, o escritor mostra, ainda, duas influências definitivas – e apenas influências, que nele são trabalhadas com personalidade – e claras, Faulkner e Hermilo Borba Filho, de quem deve ter sido leitor voraz, sobretudo de *Sol das almas*. Neste capítulo das influências é preciso ressaltar que nenhum escritor, por mais genial que seja, está livre delas. São como âncoras que nos sustentam pelo resto da vida. Entenda-se. Já não digo na realização mas até mesmo no planejamento, na maneira como pensa a obra.

O mundo interior de Jurandir está repleto de mágoas, mas não de queixas. Explicando, as mágoas ficam no coração, no silêncio do sangue, no escuro da alma, no escondido do espírito. A queixa, não, a queixa se mostra inteira no discurso, nos gestos, nos olhares.

Passos sabe o que está fazendo, por isso entrega tudo ao narrador, não vem para a luz. Para a página

MONTAGEM SOBRE CAPA DO LIVRO O SONÂMBULO AMADOR



muitas vezes imaculada. São palavras fortes, são palavras bem fortes, mas sem derramamentos, sem dramaticidades. A narrativa se equilibra muito bem, harmônica e bela. Outra grande característica deste autor: enfrentar fatos dramáticos, sem elevá-los à categoria de tragédia. Algo decisivo, manter o tom da narrativa, mesmo quando ela parece monótona. Não há, todavia, monotonia alguma em *O sonâmbulo amador*. Narrativa que desliza com facilidade mesmo quando o sopro dramático ameaça desmembrar a leveza.

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

REPRODUÇÃO



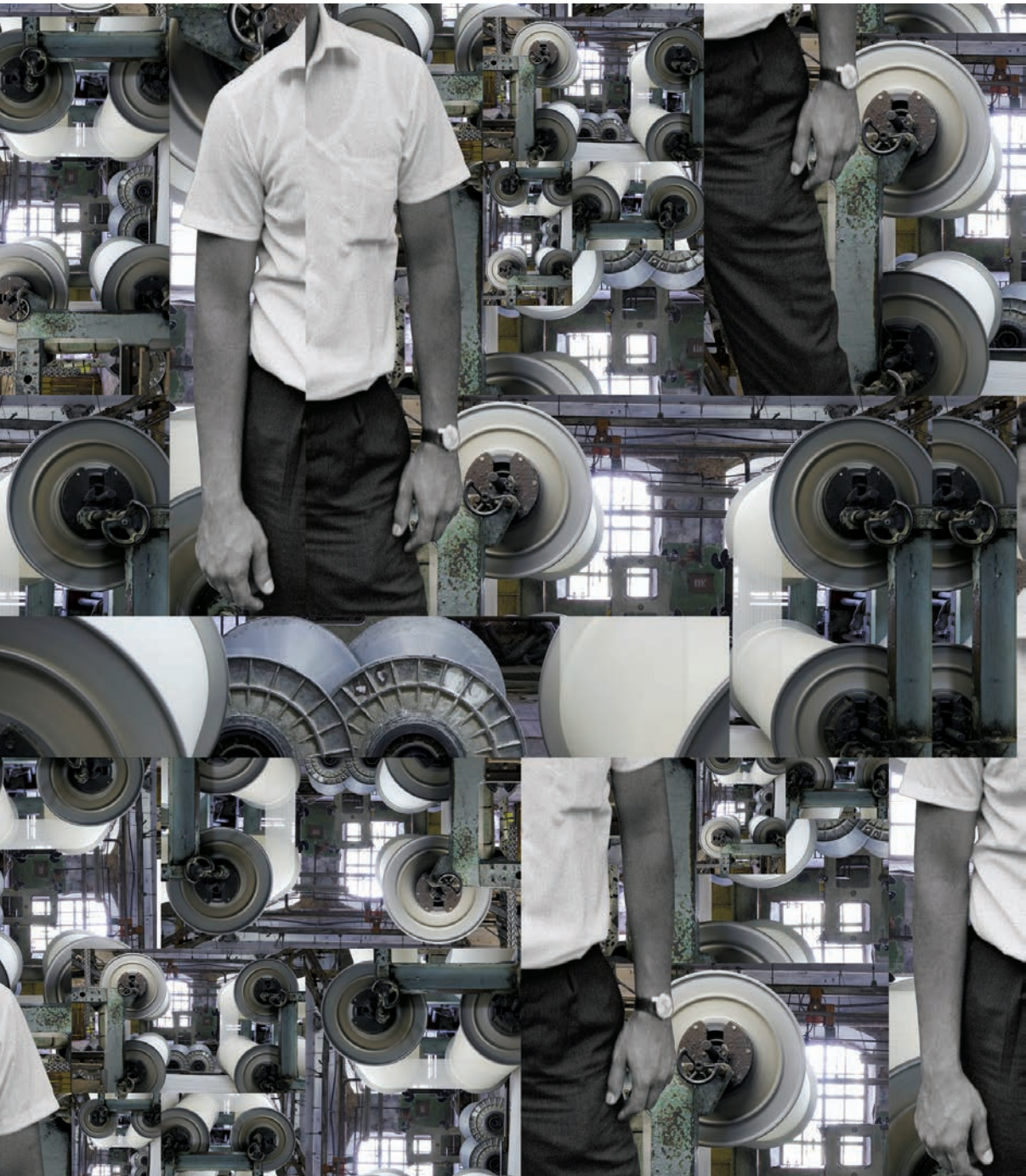
LANÇAMENTO

Editora Gaivota lança romance para jovens que tem como pano de fundo o descobrimento do Brasil

“**Para mim** escrever é construir um brinquedo em permanente mutação. Sem o verniz academicista e o misticismo (mais negativo que positivo) que envolvem a Literatura, tudo que gira em torno dela é solar, musculoso e sanguíneo, e não importa que a citada dama adore passear pelo lado sombrio da vida.” A declaração é do escritor mineiro Alan Oliveira, que está lançando pela

recém-criada Editora Gaivota o excelente *Mil e quinhentos – O ano do desaparecimento*, destinado ao público juvenil. O livro conta a história de dois irmãos órfãos que conseguem se alistar como grumetes numa das caravelas com que Pedro Álvares Cabral parte de Lisboa a caminho das Índias e acaba descobrindo o Brasil.

Acontece que o mais jovem dos irmãos se perde na mata,



Leveza, aliás, que se mantém viva e forte em todas as páginas. Sem esquecer a ótima personagem Madame Góes que aparece com sua debilidade e circunstância aí pelos meados do livro, uma personagem eciana nas suas sentenças e na sua aparente ingenuidade. Penso numa mulher frágil, cercada de fortalezas. Ou, quem sabe, de aparências.

O próprio Jurandir não parece fácil de definição. Ele próprio procura definir -se nos últimos parágrafos, e Minie manifesta uma opinião, um perfil

nos meados da história, mas nem assim fica claro. O leitor também pode fazer sua avaliação, depois de uma leitura nem de todo agradável nem de toda tensa, mas com certeza maravilhosa. O que se pode dizer é que este é um romance sedutor.

É claro, também, que as primeiras páginas não são fáceis de leitura, mas que exigem, sem dúvida, cumplicidade e empenho do leitor. Aliás, sem cumplicidade e empenho, é impossível atravessar as páginas iniciais. Um grande autor sempre exige um pouco mais do leitor.

sofre um acidente e é deixado para trás, sendo criado pelos índios. O reencontro dos dois, 30 anos após, é dramático e ponto culminante de uma aventura muito bem elaborada e melhor ainda contada. A narrativa é enxuta, com descrições que pintam bem o ambiente em que a história se passa, sem arrastá-la. Além de obter uma perfeita dosagem entre fatos históricos e ficção, na narrativa o conflito de visões entre índios e europeus é bem explorado, sem derrapar para tonalidades moralistas.

O livro é belamente ilustrado por gravuras (manipuladas

digitalmente) do francês Jean-Baptiste Debret e do alemão Hans Staden, que em diferentes épocas registraram fatos e costumes do Brasil primitivo. Completa-o um glossário de termos náuticos e científicos, mais uma cronologia histórica cobrindo o tempo em que a narrativa ficcional se passa.

Autor de diversos livros, Alan Oliveira recebeu menção honrosa no Concurso Nacional de Literatura Infantil Cruz e Souza, de Florianópolis/SC, ganhou o Concurso Nacional de Contos João Simões Lopes Neto, de Pelotas/RS, e o

Concurso Nacional de Literatura Infantojuvenil João de Barro, de Belo Horizonte/MG.

Criada no final do ano passado, a Editora Gaivota é, na verdade, um desdobramento da Editora Biruta. Através de um bem cuidado tratamento gráfico, visa levar aos jovens, de forma lúdica, assuntos às vezes considerados complexos ou desinteressantes, abarcando o que há de melhor na literatura ficcional juvenil brasileira e internacional. A julgar por este *Mil e quinhentos – O ano do desaparecimento*, a editora está alcançando sua meta.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIAÇÃO DE ORIGINAIS PELO CONSELHO EDITORIAL

I Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:

1. Contribuição relevante à cultura.
2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
 - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
 - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;

3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemplem a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.

II Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.

III Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor.

IV Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.

V Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.

VI Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife – Pernambuco



Secretaria da Casa Civil



CAPA

Quando o carinho é o critério literário maior

Nas redes sociais, o afeto e a autoajuda apontam a importância de um autor

Luís Fernando Moura

“O pensamento é o único lugar onde ainda estamos seguros, onde nossa loucura é permitida e todos os nossos atos são inocentes”, determina a imagem randômica do tipo para-reflectir, na qual cabeleira publicitária de moça divagante carrega flor com cheiro de Alfazema. 495 facebookeiros resolveram, audazes, gritar aos ventos a frase de Martha Medeiros. E, ao menos para um suposto paradigma literário que aqui pode configurar crime contra as peremptórias letras, nada de segurança quando o pensamento vira like. Esses internautas são uns homicidas.

Afinal, o que acontece quando o destino *Power Point* de citações aleatórias a se degustar em doses psico-terapêuticas ganha impacto viral nas redes sociais? Talvez estejamos aprendendo a ler de outra forma. Ou teríamos nos tornado, malvada e tacitamente, maculadores da Literatura?

Se sim, Martha Medeiros se tornou bom exemplar de vítima, abaixo de incontornáveis *hits* como Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector no ranking de autores desfigurados na rede. Seu catálogo de aspas circula em ao menos cinco contas de Twitter, duas de Tumblr, dois aplicativos e nada menos que 47 contas de Facebook.

Seja entre as páginas célebres, como a didática *Aprendendo com Martha Medeiros*, que esbanja mais de 70 mil seguidores, seja entre as dezenas de mirradinhas, o destino é o mesmo: imagem com frase-chave ou aquele trecho pra cima aspeado de um texto perdido no tempo e no espaço. Curadoria de leigos que, para alguns, é impertinência de um hiperrecital desregrado onde o pensamento escapa sem consentimento.

Alvo autoproclamado dos citadores, Luís Fernando Veríssimo decidiu usar sua coluna no jornal *O Globo* para desmentir a autoria da viralizada crônica *Quase*, atribuída a ele. É, na verdade, da autora Sarah Westphal Batista da Silva tal receituário moral para corações partidos, explicou. E alardeou: quatro entre cinco dos textos de Facebook assinados pela grife Veríssimo são casos de impropério.

A própria Martha dedicou-se a queixume parecido em sua coluna no jornal *Zero Hora*, na qual empenhou o heterônimo Fakebook, irritou-se com citações irresponsáveis e afirmou ter orgulho de estar distante das redes. Um ano depois, ela nos conta que permanece *off-line* do Face. Com um sorriso aberto por e-mail, já que “por telefone o resultado nunca fica muito legal”.

“Como não estou em nenhuma rede social, ouço falar e acho tudo meio surreal. Reconheço a abrangência, a homenagem, o carinho, mas muita coisa está atribuída a mim sem ser eu a verdadeira autora, a gente sabe como a internet espalha equívocos”, diz. Por um lado, admite, sente-se “honrada”. “Mas troco mil pessoas que leem textos deturpados por um único leitor que leia o texto original”.

Auxiliar administrativa em um hospital gaúcho, Deise Moré precaveu-se e criou método bibliográfico para a sua ainda miúda página *Frases de Martha Medeiros*. “Coloco tudo com referência para quem ler ter certeza de que se trata de um texto ou frase dela”, diz. Já Imelda Sitole agregou mais de 50 mil seguidores à sua *Eu e Martha Medeiros* sem uma única nota de rodapé – e, admite, nunca abriu sequer um livro da cronista. Explica-se: a estudante de sociologia de 20 anos é moçambicana e tornou-se fã, ela mesma, colhendo excertos na ventania da internet.

“Seleciono os textos essencialmente pela Wikipedia e por blogs, daí estou sujeita a erros. Nunca tive um livro físico de Martha, talvez peça para o

meu pai”, planeja. Recentemente, vem se comunicando via e-mail com a autora que, diz, propôs lhe enviar versões digitalizadas de suas publicações. Enfim, quem sabe, largue mão dos “estilhaços soltos pelas redes” que abastecem o vendaval. “Só me resta torcer para que façam algum sentido e não fiquem muito piegas”, diz Martha.

NÃO INSTALE O REFRIGERADOR AO AR LIVRE <3¹
Num cosmos de regras turvas e letras miúdas em que Paulo Coelho tem mais *likes* que Shakespeare, que por sua vez é mais curtido que Stephenie Meyer, há de se perguntar: o que faz de um texto compartilhável no Facebook? Martha Medeiros arrisca: “A frase que mais me escrevem por e-mail é: ‘parece que tu lê meus pensamentos’ ou ‘parece que fui eu que escrevi’, ou seja, eu acabo refletindo o que muitos pensam e sentem, porém não conseguem expressar”. E diz mais: “Quando

Leitores escrevem para Martha Medeiros dizendo “parece que tu lê meus pensamentos” e “parece que fui eu que escrevi”

eles enviam meus textos para outras pessoas, um pedaço deles está indo junto”.

O escritor Fabrício Carpinejar, colecionador ativo de compartilhamentos, escritor de blog e Twitter, inequívoco *mediaman*, categoriza a resposta à questão que assombra a proliferação de *likes*: “O que faz com que estes textos sejam compartilhados é a empatia confessional, a capacidade de resumir paradoxos, dilemas urbanos e existenciais. Caio e Clarice, por exemplo, têm uma espécie de interlocução íntima, como se escrevessem um diário. É próprio da rede a ânsia por equacionar a vida”, diz. “A gente está carente por notícias do nosso interior”.

“É um novo modo de ler e de pensar o texto”, professa Ana Cláudia Viegas, docente da pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e estudiosa das interlocuções entre Literatura contemporânea e internet. Para a pesquisadora, trata-se de uma maneira estreante de leitura em que vale mais a troca de experiências que a admiração estética, cujo risco maior é de uma banalização do texto literário, incapaz de ultrapassar a fruição do “raso”. Seria, portanto, um desdobramento da prática literária.

“A Literatura, em qualquer meio, em qualquer época, é responsável por trazer novos olhares e formas de ver. Creio que, mesmo nesses novos suportes, ela permaneça cumprindo seu papel”, aposta a professora. Olhar caridoso cuja sombra esconde o mito da profanação. Arguto no debate sobre os efeitos da



RAÍZA BRUSCKY



CAPA

RAÍZA BRUSCKY

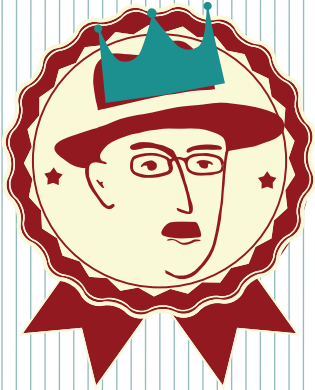


HORIZONTAL

2. “É mais fácil obter o que se deseja com um sorriso do que à ponta da espada”
4. “Minha vida é uma colcha de retalhos. Todos da mesma cor”
9. “Isso de querer ser exatamente aquilo que a gente é ainda vai nos levar além”

VERTICAL

1. “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”
3. “Mesmo que as pessoas mudem e suas vidas se reorganizem, os amigos devem ser amigos para sempre”
5. “Creio no riso e nas lágrimas como antídotos contra o ódio e o terror”
6. “Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome”
7. “É preciso sofrer depois de ter sofrido, e amar, e mais amar, depois de ter amado”
8. “A vida é muito importante para ser levada a sério”



internet nos espaços de criação e veiculação literária, o escritor Michel Laub diz que o fenômeno é “sem importância” para um projeto político em que as letras têm valor artístico. Quando há fotinha e like, sugere, não há Literatura.

“Se o cara pega um trecho de Drummond e tira do contexto, ele não é um leitor de verdade. O leitor não vai gostar pelo que ele tem de edificante ou sentimental. Essas pessoas querem citar como podem uma foto de cachorrinho”, arrisca Laub. E se houver um ou outro literato blindado em altas prateleiras contra salvação do espírito, grandes verdades e carentes compartilhadores? “Não há um autor que não tenha uma frase de efeito. Posso tirar uma até do manual da minha geladeira”.

“Nestes textos há uma forte exposição do eu e da identificação. Não à toa, são frases intimistas que circulam da mesma forma que as frases de fundo religioso”, observa Ana Cláudia Viegas. Textos de romance ou bula de remédio, lançados como uma superfície de interseção entre valores da arte e do mundo prosaico. Que, se tomarmos o pensamento do filósofo Jacques Rancière, parece articular, com a mesma matéria-prima simbólica, uma parataxe entre formas a princípio incompatíveis de acessar o mundo sensível, típicas de um estado pós-industrial da cultura. “A abolição do princípio que repartia o lugar e o meio de cada uma (arte), separando a arte das palavras e das formas, as arte do tempo e do espaço”, escreve Rancière, ao comparar os ofícios de engenheiro e de poeta no livro *O destino das imagens*.

Ou, no mundo real, são os saudosos *Power Points* com impactantes ditames espiritual-emocionais, musiquinha e rosas brancas, que viraram compartilhamentos no Facebook, que por sua vez, enfim, tornaram-se releitura de marca das trocas de aforismos e frases de efeito. Atentas ao fenômenos das emotivas aspas literárias no Facebook, a publicitária Luiza Voll e a

jornalista Daniela Arrais, sócias da empresa Contente, criaram um canal para a publicação das tais bulas emotivas, para o qual um dos objetivos expressos é exatamente lançar luz sobre a maneira como consumimos, com a praticidade de um miojo gigante, toda sorte de autoajuda. Das páginas *Autoajuda do dia*, no Face, no Instagram ou no Pinterest, as frases vêm de escritores mas também de letras de música e memes fofos, sempre em embalagem sofisticada que passa por crivo de curadoria.

“A gente começou a perceber que o que as pessoas mais compartilhavam eram frases muito motivacionais, fossem tiradas de livro ou da própria internet, às vezes de autor desconhecido, em busca de respostas para a vida, para o amor, para o trabalho”, conta Daniela. “Como muito dessa produção era estrangeira, quisemos trazer pra realidade da gente”.

Dito e feito, o mural de imagens-frases do *Autoajuda do dia* exibe uma sensibilidade cool e filtro semi-industrial, uma versão recauchutada de humildes profecias escritas, cuja idealização visual é de artistas gráficos e afins. Da velha Clarice a Jorge Mautner, passando por autores anônimos, cada pensamento é encampado por uma assinatura de designer ou de outras marcas de sites, estúdios e lojas. Uma pequena vitrine de verbos derretidos como manteiga em supermercado, ou talvez um conglomerado de comunicadores unidos por um cafuné de grife. Tipo “substitua consumo por autoestima”, by Oficina de Estilo. E dezenas, às vezes centenas, de amorosos likes.

A Literatura, feita pílula de superação emocional, teria se tornado uma ferramenta tão eficiente (e rentável de um jeito novo) quanto uma chave de fenda para as nossas almas? Há de se pensar como o contexto Facebook – e seu talento em dar um tapinha nas costas – pode impactar o consumo das letras. Em artigo publicado no *The New York Times*, o escritor Jonathan Franzen diz já no título que, seus doidinhos por cafuné, *Liking is for cowards. Go for what hurts* – ou,

em português bom, *Curtir é para covardes. Se joga! E que presenciamos, nas redes, uma “comodificação do amor”*. O like vale muito mais (e destila muito mais amor) que uma chave de fenda.

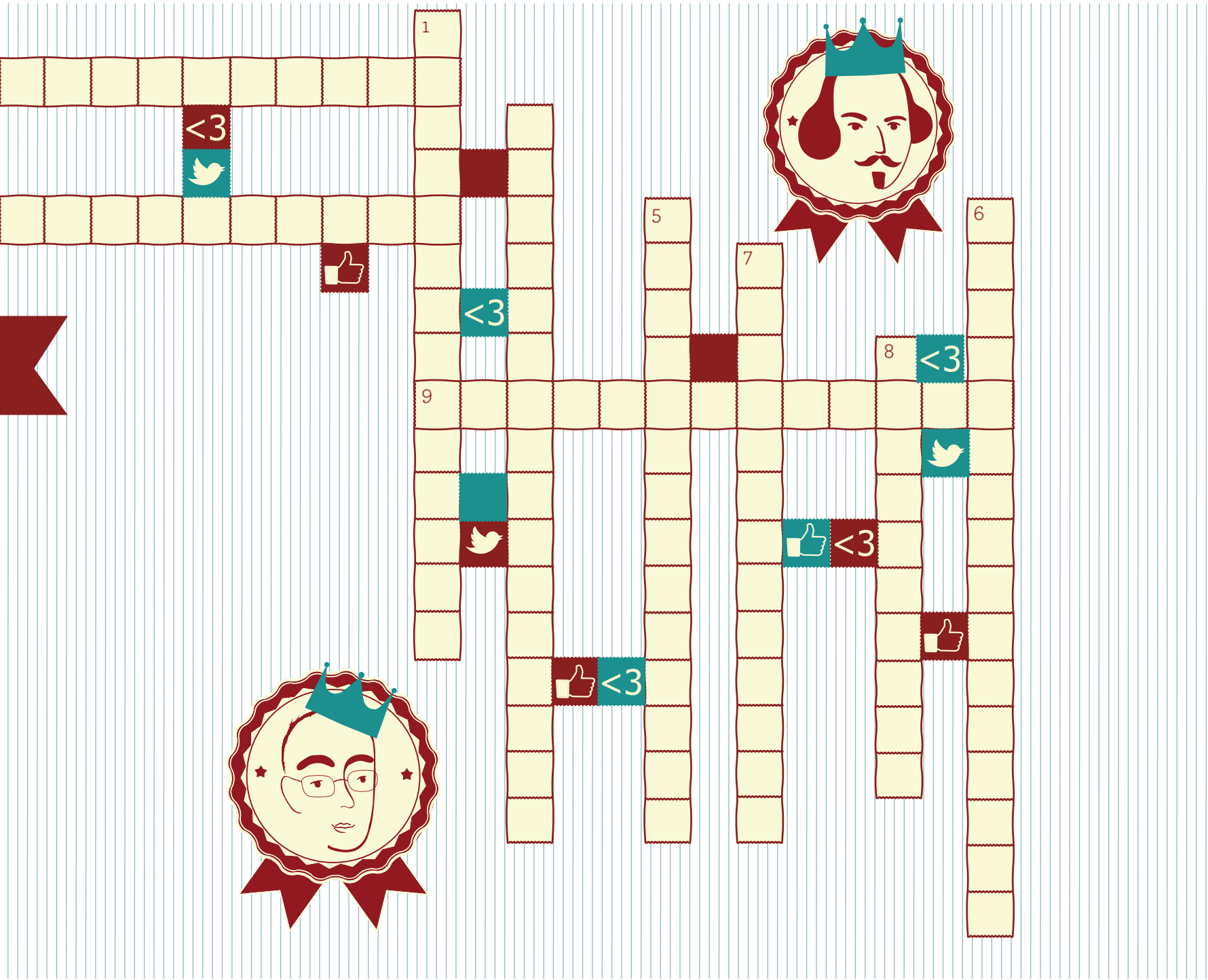
Franzen discorre em uma visão talvez conservadora, certamente apocalíptica do que o Facebook reserva para as relações sociais. Para o autor, consumimos nossos *gadgets* como se em um relacionamento erótico desde os tempos da brilhantina, o que foi exponencializado num presente de libidinosos iPhones tomados por redes sociais cujos integrantes são todos espelhos homoafetivos de nós mesmos. Um amor, diz ele, de mentira, através do qual nos estimulamos freneticamente em busca de uma gota artificial de paz interior.

Ou seja, estes dispositivos teriam “substituído um mundo natural que é indiferente aos nossos desejos – um mundo de furacões e dificuldades e corações partíveis, um mundo resistente – por um mundo tão responsivo aos nossos desejos que parece, efetivamente, uma extensão de nós mesmos”. Um mundo que, no sétimo dia, viu nascer o like – em sua assertiva, “um substituto comercial para o amor”. No caso das graciosas frases de efeito, amor que paga amor com amor. Ou, quem sabe, com imagens de cachorrinho e sacras lettrinhas serifadas.

O FACEBOOK É UMA COMUNIDADE DE PARTILHA DE SONHOS <3²

O crítico americano Jacob Silverman poderia ter pensado, enfim: e se a catástrofe idealizada por Franzen – da qual, ao que parece, só um amor real pode nos salvar – matasse a literatura produzida aqui e agora? No artigo *The epidemic of niceness in online book culture* (por aqui, *A epidemia do SEU LINDO <3 na cultura literária online*), publicado na revista *Slate*, Silverman afirma que o like basicamente sepultou o debate.

“O problema de curtir é que é um beco sem saída para a crítica, que não começa uma conversa. É uma



opinião sem evidência – ou, na verdade, uma postura sem opinião”, escreve. Com base em casos como o da escritora americana Emma Straub, descoberta a partir de brilhantes tuítes, o jornalista protesta contra o que acredita ser uma prática promíscua de afetos também na esfera literária, que trata “ofensa e discordância como tóxicos”, uma ditadura do amor mútuo e do não-seja-deselegante-em-falar-mal-do-colega, “como se todos os livros fossem maravilhosos”. “Uma cultura literária melhor não seria tão dependente da estima pessoal e do reforço mútuo”, escreve.

Em artigo publicado na Revista *Piauí*, intitulado *Em defesa da obra*, o escritor Bernardo Carvalho desce ainda mais no poço e recorre a Jacques Rancière para polemizar certo colapso da crítica canônica em meio a um turbilhão de vozes leigas linkadas em rede com os autores contemporâneos. “Hoje, o autor por excelência é supostamente aquele que explora o que já lhe pertence, a sua própria imagem”, escreveria Rancière em sua dosagem política da Literatura. No que Carvalho expande: “A autoria também passou a ser vista como sinônimo de visibilidade, uma forma privilegiada de estar e aparecer no mundo, em detrimento das obras. E são as grandes corporações da internet que acabam colhendo os frutos dessa estratégia, são elas que nos proporcionam afinal o sonho de sermos célebres autores de nós mesmos”.

Entre apocalípticos e integrados, e em meio a uma discussão apaixonada sobre a força ou o esmorecimento da crítica em tempos de Facebook, que rodou até a revista *Veja*, Michel Laub vem publicando em seu blog textos sobre os novos ares da literatura do *like*, quando enfim, estica a vara: o que o Facebook vai fazer dos novos textos literários? A inflamação dos egos de autores, retumbante se comparada ao tamanho social que, diz, vinham assumindo nas últimas décadas, bem como o deslocamento do eixo de intimidade travada com os leitores, seriam potentes motores deste novo momento.

“A gente começou a perceber que o que as pessoas mais compartilhavam eram frases motivacionais”, diz jornalista

“No que se diz e na forma como isso é dito será preciso ainda mais esforço para construir algo além do testemunho ou experiência pessoal, uma exigência que torna ainda mais duro – e mais compensador quando o resultado é positivo – o caminho para se transmitir a quem lê a verdade de quem escreve”, elabora Laub. E diz à reportagem: “Em termos instrumentais, não muda nada. Você só está lendo numa outra plataforma. Já a produção de textos está mudando e vai mudar ainda mais por causa da interatividade. É bem possível que se mude a prosa de não ficção, por causa do hábito. E isso provavelmente vai ter impacto na Literatura, seja pela proximidade ou, ao contrário, pela recusa da linguagem corriqueira”.

Por enquanto, já assistimos a uma talvez incipiente legitimação de redes sociais como plataformas privilegiadas para a inventividade literária. A realização do 1º Festival de Ficção do Twitter, no fim de

2012, reuniu escritores de todos os continentes em torno da hashtag *#twitterfiction* e de listas produzidas via curadoria, os quais desenvolveram narrativas em 140 caracteres ao longo de uma semana. Carpinejar, talvez o mais célebre autor de tuítes brasileiro, delicia-se com a rede na exata medida em que ela imiscui papéis e índices de real ou ficcional. “O que eu mais gosto da ficção do Twitter é a criação de personagens. Não são autores criando universos, mas autores também inventados. Se tudo ali é uma versão, por que não inventar?”

Acabou-se, enfim, o lugar do escritor recluso, um gênio romântico fetichizado que atravessava páginas a fim de nos revelar, em segredo, o mundo? Há quem rejeite, mesmo do alto das novas ondas literárias, que o Face está com essa bola toda. Que acha que não enfraquece o exercício da crítica – pelo contrário. E que, em vez de esvaziar, agiganta a Literatura. “A rede social não é um ambiente apto para qualquer discussão aprofundada”, diz o escritor Antônio Xerxenesky. “Mas a internet de modo algum reduz a qualidade da crítica. Pelo contrário, dá voz para as pessoas que não teriam voz, para que livros ignorados na grande mídia repercutam”.

Xerxenesky, que usa blog, redes sociais e não larga a cultura pop, é no entanto um cara que não vê na internet suporte adequado para publicar ou consumir ficção. “Não leio de ninguém e nem escrevo. Prefiro o Kindle ao livro de papel, mas internet tem distração”. Acredita, porém, em bons ventos literários para o Twitter. E que seria quem sabe improvável um escritor calouro despontar na celebridade das letras sem se tornar um relações públicas de si mesmo, desfilando obras na passarela dos *likes*. Ou não seria? “Se surgir um gênio, os livros acabam se impondo”, adianta Laub. Pois que venha, minar a inocência do pensamento, o próximo “coraçõzinho”.

1 Manual do refrigerador Dako, 2 Fabrício Carpinejar

OPINIÃO

Vivemos uma concomitância de efêmeros

Os absolutos e “absolutinhos”
que cercam nossa moderna
relação com a obra de arte

Elvira Vigna

Sou escritora e desenhista.

Portanto, meu problema básico, cotidiano, é como lidar com o efêmero. Não só o meu efêmero de pessoa física, mortal. Mas principalmente o efêmero naquilo que faço. Preciso pensar muito, me esforçar muito, para descobrir uma verdade que integre nela seu próprio questionamento. Porque são as verdades questionadas as que aparecem na criação de hoje.

Tenho consciência de que se trata de falta de sorte. Nem sempre foi assim difícil. Tínhamos uns abso- lutos à disposição. Primeiro, o absoluto-absoluto da metafísica e da transcendência e aí não havia dificul- dade alguma. Era só esquecer todo o resto – isto é, as pessoas e o mundo – e partir para o que de fato inte- ressava, e durava: o céu. Representado sempre como uma superfície chapada em dourado ou branco, muito fácil de fazer, atrás das figuras em primeiro plano, todas elas iguais, portanto também fáceis de fazer. Não se tratava, então, de estabelecer diferenças de narizes e bocas, nuvens ou constelações. Não se tratava de estabelecer, nem muito menos de viver, diferenças.

Depois veio o Moderno. E no Moderno já houve a primeira piora nesse nosso ofício de apontar rele- vâncias, irrelevâncias e significados de relevâncias e irrelevâncias. No Moderno não tínhamos mais a alucinação de um absoluto-absoluto para nos servir de amparo contra o efêmero em que vivemos. Mas ainda não estava de todo mau. Tínhamos uns absolutos meia bomba. Uns absolutinhos.

Vinham em dois tipos.
(Um aparte. Moderno é um termo vago. Cobre um tempo muito grande. Vou me ater ao século 20, e ao século 20 como o entendeu o historiador Eric Hobs- bawm, isto é, até os anos 80 do pós-guerra.)

Mas, eu dizia, os absolutos meia bomba do Moderno vinham em dois tipos.

O primeiro é um absoluto não mais enorme, ce- lestial, mas ainda assim bem grande: o absoluto das grandes estruturas modernas. Terrenas, concretas. Ou mais ou menos terrenas e concretas, já que elas só se mantinham em pé através dos velhos truques de ocultação e adiamento. Estruturas platonicamente ocultadas por trás de suas manifestações observáveis; estruturas messianicamente realizáveis apenas no futuro longínquo. Como exemplo, uma estrutura que marcou nossa prática profissional de fazedores de bens simbólicos, o construtivismo.

O segundo tipo é o dos absolutinhos. Pequenos, mas em multidão, seja na reprodução industrial de objetos em série ou na explosão demográfica de hu- manos, também serializados. E todos – objetos ou pessoas – considerando-se e sendo considerados autossuficientes, completos, acabados. Nítidos. Eram o sujeito moderno, suas obras e suas certezas absolutas. O criador Moderno, ao contrário do criador contem- porâneo, se via e era visto como uma unidade. Autô- noma. Capaz, portanto, de atos de autenticidade que atendiam a um anseio de liberdade, nunca satisfeito, e que resultavam em estilos. Estilos próprios. Novos. Se viam assim: novos. Um depois do outro, um vindo para aniquilar o outro. Mas todos se achando novos apesar da repetição de desempenhos.

Ainda não convivíamos bem com diferenças. Nem as sincrônicas, sempre hierarquizadas, nem muito menos as diacrônicas. O passado era sacra- lizado ou execrado.

É o que o Contemporâneo vai mudar. Vai mudar até mesmo a ideia do que seja diferença. E essa mudança vai se dar no espaço.

No Moderno eu era um, ainda que, no final, um Um estilhado, fragmentado. Mas meus vários pedaços se excluía, não conviviam e mantinham assim sua nitidez, sua suficiência. Citando um exemplo que me dediquei a analisar no meu *Nada a dizer*: eu era um sujeito com meu amante, outro com meu marido, um terceiro no meu ambiente profissional e por aí vai. Esses vários espaços, em que esses vários eus viviam, eram estanques. Meu processo de formação de significado se dava mais por impactos imagéticos do que por tentativas de narrativa. Eu sofria um im- pacto aqui, outro ali. Os três passos que eu precisava dar entre um impacto e outro não eram considerados importantes. O que estava em volta de mim também não. O Outro, o diferente de mim, tinha uma serventia muito clara. Servia para eu me reagrupar, temporaria e periodicamente, em um Um. Não que esse Outro existisse, portanto, num mesmo espaço. Ao entrar no mesmo espaço que eu, ele virava um apêndice, uma projeção, até sua rápida absorção/rejeição.

JANIO SANTOS



A mesma coisa com a leitura dos clássicos. Textos canônicos seriam vistos como contendo qualidades intrínsecas, uma essência de qualidade, imutável. Caberia a mim descobrir tal qualidade intrínseca, e levá-la ou não em consideração. Não a levaria, pro- vavelmente, porque o Moderno passava o buldôzer em cima de tudo, ideias, cadáveres de etnias não assimiláveis ou velhos centros urbanos. Escritor, ao pôr o ponto final no meu livro novo, eu acharia que a história estava ali completa, feita. Leitor, ao pôr as mãos em um livro antigo, eu acharia que aquele livro era o mesmo que meu professor leu, um exemplo de excelência literária. Ou seja, o tempo eterno das essências se manteria prevalente ao tempo da experiência estética.

Foi isso o que mudou.
Assim: 1) Hoje convivemos com diferenças não mais vistas como diferenças radicais, mas como possibilidades de mim, outras normatividades ou mesmo uma possibilidade de a-normatividade; 2) Essas possibilidades de mim são expressas em tem- poralidades de diversas durações, que convivem em um mesmo espaço, presentificadas sem cessar e não hierarquizáveis; 3) Esse espaço do presente é ator a ser considerado no jogo da produção de sentido; 4) Porque esse jogo não supõe certezas finais, é imprevisível e sequer tem regras, eu jogo mais devagar, sem pressa por conclusões em que não acreditarei. Se eu tiver de mudar de profissão e virar pitonisa, eu diria que o século 21 vai passar mais devagar.

Então, voltando: no espaço sem absolutos, mes- mo os disfarçados, que é o espaço do Contemporâ- neo, o entorno contingente passa a ser levado em conta na experiência estética. Ela não mais depende de um manifesto prévio, de uma essência ou texto pré-existente, de uma caracterização de excelência do objeto artístico ou mesmo da erudição dos atores envolvidos. A experiência estética é algo que acontece, e o que está em volta faz parte dela.



E isso quer dizer que posso, hoje, ler algo lento, algo cuja trama quase inexistente ou é não sequencial, porque hoje vivo bem com o efêmero. Não, isso é exagero. Não vivo bem. Consigo tolerar o efêmero. E consigo isso porque os efêmeros do meu espaço são muitos, e cada um tem uma duração diferente. O que me dá a sensação, temporária e necessária, de que há efêmeros menos efêmeros do que outros. Não chega a ser um absoluto, mas quebra o galho.

Vou dar uns exemplos.

Em todos eles, eu falo um pouco mal do Moderno. Digo que é um período de autoritarismos, certezas estanques. Falo mal do Moderno, é claro, em comparação com o que observo na arte e em alguma literatura contemporânea. Na verdade o Moderno foi um período de luta para conseguir o que talvez a gente hoje consiga. Sou uma otimista irrecuperável.

Falei há pouco dos artistas concretos. Estão na minha cabeça por causa da 30ª *Bienal de São Paulo*, cujo curador é ligado a este movimento do Moderno. Entrando na Bienal, se veem várias estruturas, umas duras, outras moles, e vários ataques a estruturas. Ou seja, obras que, ainda pelo sinal da negatividade, giram em torno de estruturas. Isso hoje, quando você tem o imprevisível da física quântica explicado em revista de quadrinhos. O tipo de experiência estética que esta Bienal propõe, de classificação clara, quase didática, em conjuntos definidos de artistas: o prédio em que ela está, no Ibirapuera de São Paulo, com sua escala grandiosa que me exclui ou me controla (eu devo subir a rampa); e o conteúdo proposto, de estruturas ou de antiestruturas, não me atendem. Eu, hoje, para me expor a uma experiência estética, não quero mais andar na frente de objetos artísticos feitos por pessoas chamadas artistas, em um prédio destinado a exposições artísticas. Eu não fico mais no papel controlado e submisso de fruidor. Não reconheço especificidade alguma, prévia, no que me é proposto. Não acho que artista seja alguém muito diferente de qualquer outra pessoa. Não acho que o

O Moderno foi um período de luta para conseguir o que talvez a gente hoje consiga. Sou uma otimista irrecuperável

espaço em que encontro arte precise ser separado do espaço comum, pelo contrário. E não acho que haja divisões claras entre tipos de atuação artística (visuais, sonoras) ou mesmo materiais específicos para ela (mármore, cera de abelha).

Isso inclui textos.

Posso ter, hoje, uma experiência estética com um tuite, feito por qualquer um, a respeito de qualquer coisa, e isso na tela do meu computador. No computador porque não tenho *smartphone*, porque se não, era no telefone.

Não aceito tentativas de direcionamento e também não as proponho.

Mais uns exemplos.

No cinema.

Viável a partir de 1890 e presente em todo o Ocidente, o Nickelodeon foi um sucesso popular absoluto. O processo dependia de uma imersão no escuro para a construção de um mundo paralelo, desvinculado

do mundo em que se assistia ao filme. O filme tinha conteúdo claro, de recepção controlada. O trem vinha. As pessoas se assustavam. A mocinha desmaiava.

Vi há poucas semanas a instalação do inglês Isaac Julien, com nove telas, cada uma delas passando um trecho diferente de uma mesma narrativa videográfica. Não há imersão no escuro. O ambiente da instalação, no Sesc-Pompeia de São Paulo, faz parte integrante da obra, assim como o caminhar sem direção dos que entram no recinto.

Entre o Nickelodeon e a instalação do Isaac Julien, vem o cinema Moderno. Peter Greenaway, por exemplo. Pego especificamente seu filme *Prospero's books*, baseado na peça *A tempestade*, de Shakespeare, em que a tela é dividida em vários pedaços independentes. A diferença entre essas três obras está entre 1) a imersão em uma experiência fechada, conduzida exclusivamente pelo aparato industrial produtor do filme no Nickelodeon; 2) o oferecimento de uma experiência ainda fechada, mas de fragmentação, de Greenaway; e 3) a experiência de coautoria e de narrativa aberta, efêmera e não repetível, de Julien.

Ao contrário de Greenaway, Julien não faz uma espécie de análise cubista da imagem em movimento. Não pretende destrinchar as possibilidades multifacetadas da visualidade. É outra cabeça. A construção sintática, no caso de Julien, é feita ali na hora. Não é repetível. Há um *punctum*, uma intensidade, não mais dependente apenas dos atores do encontro estético, mas na própria condição de sua efemeridade. A desapareição está incluída na obra de Julien. A dúvida. São rastros, aquilo na tela. Somos.

A instalação de Julien a que me refiro se chama *Ten thousand waves* e tem o mesmo tema explícito do filme de Greenaway: naufrágio e remissão. Julien usa material documental. É uma constante desse artista em particular, e é uma constante da arte contemporânea. Julien pega documentos de ordem pessoal, social ou geográfica, no que ele chama de sua geopoética.

OPINIÃO

JANIO SANTOS



Esta instalação, por exemplo, se refere a viagens de emigrantes de uma etnia chinesa paupérrima, com os naufrágios frequentes nesse tipo de situação (que se repete com haitianos, africanos). Nesse uso de material real, biográfico, está patente aquilo de que falava há pouco: a importância do entorno, do espaço, dos vários tempos que convivem dentro desse espaço. Esmiuçando os vários tempos nessa obra em questão: 1) o tempo dos fatos ocorridos na realidade; 2) o tempo da criação/documentação de Julien; 3) o tempo do encontro estético entre obra e quem foi lá ver.

Essa importância do espaço do entorno é o que deu título à minha fala: é uma concomitância de efêmeros. Tem mais um tempo naquela lista que fiz: o efêmero futuro. Arte hoje só é definível por suas consequências. Se aquilo – seja lá o que for e onde estiver, feito por quem quiser – provoca uma vibração, uma modificação nos atores presentes, ou seja, se tem um tempo que se estende num futuro, é arte. É a única maneira de saber. Se houver uma mudança em você e naquilo ali na tua frente, bem, sorria, você acaba de ter uma experiência estética.

Não que a coisa em si, um livro, por exemplo, mude. Imagine. *Dom Casmurro* continuará *Dom Casmurro* sempre, tirando, é claro, os insultos periódicos das várias reformas ortográficas do nosso país. O que muda é nossa percepção do que é um clássico. Sem sacralizar mais nada, nos enxergamos como rastros que passam, como vestígios em andamento e em renovação constante. E tratamos da mesma maneira as presenças – estéticas ou protoestéticas (porque meio que tudo pode ser considerado protoestético) desse nosso espaço do entorno. Espaço, claro, sem fronteiras fixas, feito e refeito. *Dom Casmurro* não é sagrado com certeza, mas não é sequer acabado. Junto com ele vem quem fala, de onde fala e quem recebe. Ou melhor, quem faz junto.

A pesquisadora da UFMG, Marília Librandi, hoje ensinando em Stanford, tem uma monografia em que fala dos nambiquaras e do perspectivismo ameríndio.

Sua hipótese é que o modo de enxergar o outro no espaço desses índios é o modo prevalente na arte e literatura de hoje. É interessante porque – e vou falar disso mais adiante – o Contemporâneo se estabelece com mais sucesso sempre que o Moderno falha.

Participei, em 19/09/2012, do *Fórum de Literatura Contemporânea* da UFRJ, em uma mesa com o professor Godofredo de Oliveira Neto e o tradutor Paulo Henriques Britto. O tema era “Recepção dos livros brasileiros no exterior”.

Minha fala foi mais ou menos o seguinte.

Clássicos, assim, sem adjetivo redutor, é um sinônimo de “estrangeiro”, para nós. Cânones são uma imposição de centros de poder e têm a função de manter esse poder. Digo, têm a função de manter a estrutura abstrata de poder, ainda que os centros mudem com o tempo.

O Moderno, para nós, também foi uma imposição dos centros de poder. Já falei aqui das características mais marcantes de sua produção simbólica: não leva em conta o entorno; não considera a coexistência de temporalidades; vê o Outro como um diferente radical etc.

Quem não viveu o Moderno e seu cânone plenamente, ou seja, nós, se vê melhor no Contemporâneo. Quem vive efêmeros diferentes num mesmo espaço desde sempre está à vontade hoje. Reduzindo o foco para o tema da mesa: a leitura dos clássicos é feita muito melhor por nós, que nunca fomos muito Modernos, do que por outros, que inventaram o Moderno. Aliás, a leitura dos clássicos e a dos contemporâneos. Nós temos a abertura necessária para o diálogo com outras possibilidades de nós. E temos porque já tínhamos.

Não se trata de elogiar. Conseguimos isso por causa de pobreza extrema, ignorância, religiosidade dogmática. Então, não. Mas é uma vantagem.

No Moderno, o cosmopolita era o cara rico que podia fugir da guerra ou viajar por prazer. Culto, ele ao viajar se tornava palestrante ou professor convi-



dado nas universidades dos Estados Unidos e das poucas capitais europeias ainda fora do cenário de guerra. Alguns vieram até aqui. Vinham ensinar. Não aprender. Nós aprendíamos. Hoje continuamos aprendendo. Ou melhor, apreendendo. Somos nós que viajamos. Fisicamente, emigrando, ou só na cabeça, que continua aberta.

Tem uma coisa que me irrita. A publicação de um livro brasileiro contemporâneo no exterior é considerada por muitos conquista profissional. Exterior passa a não designar mais um lugar, mas um tempo. E tempo messiânico. Ser editado no exterior é chegar à Era da Justiça. O momento em que um Dom Sebastião me declara como sendo uó do bobó, com o mundo inteiro tendo de bater palmas.

Lemos clássicos e contemporâneos hoje sem muita distinção. Também não distinguimos brasileiros e estrangeiros. Entra tudo. Isso nós. A leitura de um europeu – e nem vou falar dos americanos – não é assim. Parte de um pressuposto da diferença. É uma leitura que me interessa pouco, tem pouco potencial de encontro.

Eu sou eu porque alguns dos meus efêmeros duram mais do que outros e, embora sempre em mudança, me permitem reconhecer, mal e mal, e sem contorno determinado, algo que chamo de eu. Vladimir Safatle, já citado, tem um termo que gosto muito: retrato difuso. Me remete ao Gerhard Richter e seus enormes quadros fora de foco.

Vivemos uma espécie de Renascença. Um *sfumato* generalizado. No pensamento anterior, o medieval, o espaço eram dois, bem separados. O humano, das figuras em primeiro plano, centralizadas. E o espaço infinito dos fundos dourados ou brancos. O tempo que o sujeito levava para ir de um para outro acontecia fora do quadro – e da vida, já que para isso era necessário morrer. Na Renascença, inventa-se a perspectiva e você passa a andar, um passo depois do outro, uma ondinha de mar depois da outra, até o horizonte, pintado

sem muita clareza, no meio da bruma. O espaço é um só e há um tempo, linear, sequencial, direcionalizado, para desenhar esse espaço. *São Jerônimo pregando no deserto*, tanto o de Leonardo quanto o de Veronese, por exemplo. Tem o deserto, tem o São Jerônimo. Velhinho, acabado, lá no meio das pedras. Mas, sabemos, o São Jerônimo vai durar mais do que a pedra. A pedra, lá presente como avatar da nossa existência terrena, vai caminhar o passo a passo de seu andar de pedra até, quem sabe, chegar na eternidade daquele velhinho.

Estamos hoje outra vez em um único espaço. Para compensar a falta de São Jerônimo e sua direcionalidade, temos vários tempos. Pulamos neles, como se fossem blocos de gelo, buscando nos equilibrar naquele que derrete menos depressa.

Cheguei nos cinco minutos finais.

Vou ler um trecho do meu livro *Deixe ele lá e vim*, de 2006. O personagem não tem nome fixo, é Bubi, Bibi, vai mudando, não estranhem.

“No quarto, Bubi. Diz que precisamos esperar alguém com um boletim de ocorrência que assinaremos. Diz que ficou contente ao perceber que a morte de Dó foi dolorosa para mim. Minha reação afastou sua suspeita de eu ter tramado esta morte desde o início.

Não tem como saber que tramo mortes a três por quatro e que são sempre a minha, mesmo quando não sei disso.

Está sentado na mesma poltrona de antes. E eu no mesmo ponto da cama. Meu dinheiro continua jogado. Não quero contar. Nem dinheiro nem histórias.

Pergunto, então, antes que ele possa abrir a boca. ‘O que aconteceu?’

Quero algo que eu já conheça. Romances do século XIX com começo, meio e fim claramente apresentados. Preferiria em lugar distante. Inglaterra. Quero o que eu não conseguiria dar. Eu a contar e seria história cortada, com pedaços espalhados em grande planície. Ou praia. E o esforço de ir de pedaço a pedaço. Não dá para fazer esforço. Às vezes não dá, é preciso saber disto.

Pego:

‘Vai. Desde a hora em que saí da piscina.’

E que incluía, na sua voz baixa e por muito tempo, todas as outras histórias, mesmo as de depois de eu ter saído dali, desse mundo, momento e quarto. O que, aliás, planejo fazer assim que der. Tem uma coisa que eu sei, preciso fugir.

Mas ele tira minha roupa, e tem menos pressa ainda do que da primeira vez. E, como antes, não faz micagens ou expressões significativas. Só desabotoa botões, desce zíperes, puxa panos para baixo ou para cima. Depois tira sua própria roupa. Depois, fecha as cortinas antes que eu me sinta em algum palco iluminado por estreito foco de luz.

Deita-se ao meu lado. Sua chegada é lenta e sem estardalhaços. Só vem. Como vêm os tratores.

Gozo uma vez mas isto não parece alterar em nada aquilo a que se propõe. E depois de tudo acabado, ainda, louca e, agora sim, em praça pública, gozo outra vez

Ele ri.

E eu fico com a sensação de perigo que sempre me dá quando a segunda trepada com um homem é melhor do que a primeira.”

(VIGNA, 2006, *Deixe ele lá e vim*)

Leio o romance estrangeiro que se passa na Inglaterra sem necessariamente gostar. Mas gosto de ter lido. É uma das presentificações que acontecem no meu espaço cheio de tempos. O romance inglês não é mais nem menos importante do que qualquer outra coisa. Se eu curto os livros clássicos? Curto. Alguns. Nem sempre por inteiro. Recomendo Cervantes. Engraçadíssimo. Uma partes meio chatas que dá para pular. Tem na internet. É só baixar.

Esse texto é resultado de uma mesa-redonda com Charles Kiefer e Deonísio da Silva, em 25/10/2012, durante o evento XXVIII Seminário de Crítica Literária da PUCRS.

HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



Assine.

Revista Continente.

Conteúdo é tudo.

0800 081 1201

e-mail assinaturas@revistacontinente.com.br



O MAR DE FIOTE
Mariângela Haddad

Vencedor do Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil/2011 na categoria infantil. Ilustrado pela autora, conta a história de um menino que, com pai ausente e cercado de irmãs tagarelas, não consegue se expressar.

R\$ 35,00



O DIA EM QUE OS GATOS APRENDERAM A TOCAR JAZZ
Pedro Henrique Barros

Com esta narrativa impactante o carioca Pedro Henrique Barros venceu o Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil de 2011, na categoria juvenil.

R\$ 35,00



A CASA MÁGICA
Maria Amélia de Almeida

A casa mágica, da pernambucana Maria Amélia de Almeida, veterana na literatura infantojuvenil, compartilha com as crianças de hoje as experiências de um mundo antigo.

R\$ 25,00



O FOTÓGRAFO CLÁUDIO DUBEUX

Álbum que reúne fotografias tiradas pelo empresário, industrial do açúcar e fotógrafo amador. Possui um rico acervo documental da expansão da malha ferroviária do Nordeste e do cotidiano das famílias recifenses do século 19.

R\$ 95,00



PONTES E IDEIAS
Claudia Poncioni

O livro mostra o lado humanista do engenheiro francês que projetou obras modernizadoras no Recife do século 19, a exemplo do Teatro de Santa Isabel e do Mercado de São José.

R\$ 60,00



AMARO QUINTAS: O HISTORIADOR DA LIBERDADE
Amaro Quintas

O volume reúne as obras *A Revolução de 1817*, *O sentido social da Revolução Praieira* e *O padre Lopes Gama político*, que espelham um trabalho em boa parte voltado para os movimentos libertários brasileiros, fazendo de Amaro Quintas pleno merecedor do título de *O Historiador da Liberdade*.

R\$ 60,00



O ÁLBUM DE BERZIN

Compilação do trabalho fotográfico de Alexandre Berzin, a partir dos arquivos da Fundação Joaquim Nabuco e do Museu da Cidade do Recife. O registro do fotógrafo vai desde detalhes arquitetônicos até cenas de carnaval, passando por paisagens urbanas, rurais e marinhas.

R\$ 60,00



ELUCIDÁRIO
Fernando Cerqueira Lemos

Escrito por um especialista no assunto, com cerca de 400 verbetes, em linguagem acessível e direta, além de ricamente ilustrado. Obra útil para colecionadores, leiloeiros, decoradores, arquitetos, antiquários e marchandes.

R\$ 90,00



SONETOS QUASE SIDOS
Daniel Lima

“Como serei depois de quase um ano de morto, e ainda muito mais, mortíssimo?”. Questões que nem todo mundo tem coragem de encarar, prendem a atenção do leitor nas páginas de *Sonetos quase sidos*, o novo livro do padre-poeta Daniel Lima.

R\$ 40,00



COLEÇÃO ACERVO PERNAMBUCO

A coleção Acervo Pernambuco reúne livros inéditos, raros ou fora de catálogo, que têm importância fundamental para o Estado, o Nordeste e o País. Entre os vários autores estão Ulysses Lins de Albuquerque e Mário Melo.

R\$ 15,00 (cada)



ÁLVARO LINS: SOBRE CRÍTICA E CRÍTICOS

Organizada por Eduardo Cesar Maia, a obra é uma homenagem ao centenário do nascimento de um dos maiores críticos literários que o Brasil já teve, Álvaro Lins. O livro reúne artigos sobre crítica e críticos de sua época, selecionados dos seus livros.

R\$ 35,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br

INÉDITOS

Paula Fontenelle



JANIO SANTOS

Prezado (a) leitor (a),

Hoje acordei com saudade de Lúcia, uma das protagonistas de *Fim de tarde com leões* (Geração Editorial), meu novo livro. Eram duas da manhã quando os olhos se abriram e uma sensação de incômodo me invadiu. Como é típico da insônia, levei um tempo para saber o que me incomodava. É que há dois dias lancei a obra no Recife, minha terra natal. Quem mora longe de casa sabe que uma mera visita sempre traz à tona rastros emocionais escondidos, quase esquecidos, mais ainda quando o reencontro é com tantas pessoas de uma vez só, como foi o caso.

Na recepção estranhei uma ausência e me preocupei com o que poderia ter ocorrido para um grande amigo não comparecer. Estava certa. “Enquanto dava seu primeiro autógrafa”, ouvi ontem de Cláudio, “ela se foi”. Ele havia perdido Luci, sua mulher, mas esperou um dia para me comunicar, não quis estragar aquele momento especial.

Hoje consegui falar com ele e senti falta de Lúcia, uma personagem que fez parte do meu cotidiano durante meses a fio. Com ela aprendi que mais vale um bom grito que um silêncio que se arrasta dentro da gente por mais tempo que deveria. Lúcia é assim, se expõe sem medo e exige a verdade nas relações. Quando tenta retomar o contato com Pedro, seu ex-marido, assina: “saudade de nós”, nada mais revelador e direto.

Lúcia escreve de sua cama, doente e atormentada pelo desaparecimento do marido após a morte do filho André, e cheia de culpa. A resposta de Pedro surpreendeu não só a personagem, mas a mim mesma. O coautor de *Fim de tarde com leões*, que assina com pseudônimo P. W. Guzman e pediu anonimato, seguiu à risca o que havíamos acertado: nenhum dos dois direcionaria a história, deixando que o outro criasse um enredo livremente a partir de cartas.

Quando eu disse no primeiro texto, “é difícil compreender o porquê da sua acusação de eu ter provocado a perda de nosso filho”, pensei em aborto, nunca em uma criança ou adulto, mas na resposta, o coautor descreve um acidente de carro. Fiquei sem fôlego, e precisei de tempo para decidir o que fazer dali em diante. Foi assim ao longo dos meses seguintes, tanto para mim quanto para ele.

Tive a ideia de escrever um livro a quatro mãos em 2007, mas o processo de criação teria uma característica inovadora: a de reservar ao outro o encaminhamento da trama, sem amarras ou regras preestabelecidas.

Escreveríamos cartas durante um ano, no mínimo duas por semana cada. Os nomes dos personagens, por exemplo, só aparecem no meio da obra, nem isso nós discutimos, aliás, só falamos sobre o livro uma única vez, quando estávamos finalizando os textos.

No telefonema dolorido de hoje, ouvi detalhes dos meses de doença da mulher de Cláudio, e do quanto dói uma perda tão próxima. Fazia anos que não nos falávamos. Coincidentemente, nosso último encontro foi em São Paulo, onde moro há oito anos, quando passei por um momento difícil com a morte de meu pai.

Naquele dia, Cláudio se despediu de mim preocupado, me deu um longo abraço, e, como é típico de sua timidez, baixou a cabeça e saiu. Horas depois, me silenciou num telefonema, durante o qual disse tudo que mal sabia ele, já havia feito no abraço: “Paula, quando quiser voltar, você tem a nós, seus amigos, te esperando de braços abertos, no Recife. Sabe disso, não é?”. Nem consegui responder, ele sempre teve a capacidade de ler pensamentos.

Durante a insônia desta noite, imaginei o que Lúcia haveria feito quando soubesse, já de volta a São Paulo, da morte de Luci. Certamente pegaria o primeiro voo de volta, só sossegaria quando o visse pessoalmente. Não antes de escrever um e-mail longo, emotivo e nostálgico. Com palavras bem colocadas, Cláudio teria lembrado momentos em que conviveram juntos o mesmo espaço profissional e saberia que ela estaria a caminho. Eu a invejo.

Ao invés disso, me restringi ao telefone. Cláudio estava cansado e um pouco perdido nas palavras, bem diferente de quem nos ensinou clareza e confiança nas colocações. Nunca deixava um pensamento fora do lugar, mas a morte provoca isso na gente, tira o chão, muda nossa essência. Ela suspende a sensação de realidade, mesmo sendo a mais dura e inevitável das certezas.

Dizem que toda ficção tem um pouco de autobiografia. É verdade. No livro, quando Lúcia lamenta a saudade do pai que a ninava cantando uma música específica, era de mim que falava, mas só notei quando reli o livro. Os fragmentos de minha vida foram se inscrevendo lentamente, sem passar pela censura da racionalidade. Seria ótimo se o contrário também fosse possível, assim Lúcia teria saído daquelas páginas para se fazer presente no Recife.

Cláudio merecia um ato intempestivo.

INÉDITOS
Mariana Ianelli

Neste lugar

Nenhum traço de delicadeza,
Só palavras ávidas
E o tempo,
A devoração do tempo.

Um jardim entregue
Às chuvas e aos ventos.

O que para os cães
É febre de matança
E para um deus
Um dos seus inúmeros
Prazeres.

Caminhos de sangue
Onde reina o amor primeiro,
Morada de súbita
Ausência do medo.

Um despenhadeiro, o céu
E uma queda
Sem alívio de esquecimento.

Nesta hora

O espasmo e um facho de luz
Embebido nos vitrais de um templo,
Ou talvez um dilúvio,
A voragem do estupro, e então
A calma trevosa debaixo d'água –

Algum arrebatamento
Algum sortilégio sobre a realidade
Que deixa um corpo lívido e cheio de glória
Como reminiscência de um bosque
Rebrilhando em noite de geada.

JANIO SANTOS

Por um fio

A casa deserta
Como se todos estivessem mortos.
Essa quietude de ápice consumado.
Um rastro de seda e a aranha
Numa dança mínima
Gozando a espera desapressada.

De tal modo sutil
Esse fio, esse elo com as coisas,
Que é real ondear pelos ares,
Gentil pedir licença às noites,
Agradecer pela acolhida
Ao corredor das velhas estátuas.

Uma bondade a salvo de explicações
Que este lugar exista,
Sendo tão mais humano
Que nada, mundo nenhum vingasse.
Uma beleza sem quem a perceba
Ser o fantasma desta casa.

Hospedeiros

Como saber que era em nós
Esse animal de mansuetude,
Enormidade feita de clemência
E de veludo

E que podia viver por tanto tempo
Bem guardado sob a pele,
Espelho dessas criaturas
Abissais, meio fantásticas,
Que não conhecem a luz.

Que de todos os possíveis
Ficaria essa trilhada
Em que os pés vão sozinhos,
Sábios embrutecidos
De vasculhar entre despojos

Como tem as palmas calejadas
De enfeixar o trigo uma ceifeira,
Como tem o peito crestado
De se dar ao mar um pescador.

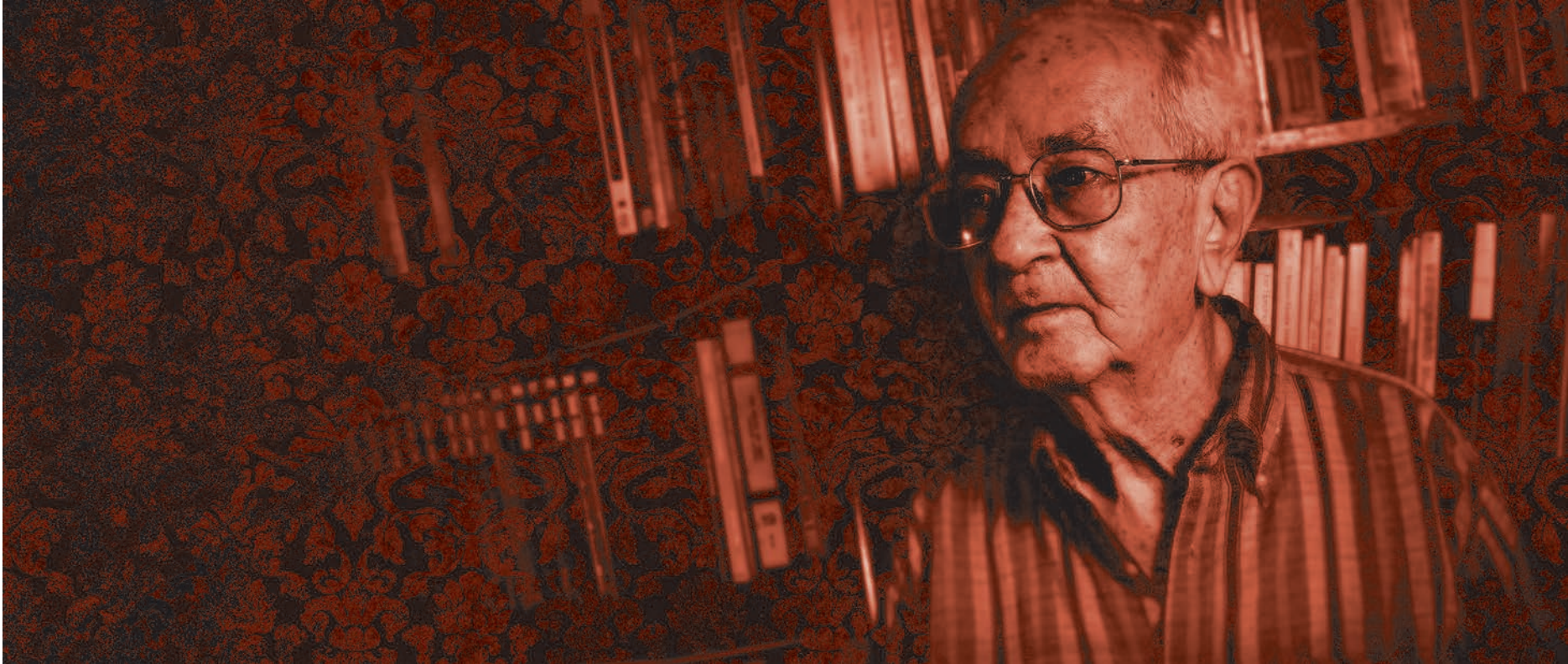
Instinto

Porque um dia te chamei
Para sempre me persegues
E já não me estilhaça
O quanto perco
Nem fingir que me despeço
Como se fizesse do silêncio
O véu de um corpo –

Porque de estar contigo
Já não me despeço –
Pode um remanso
Ir me tomando à força,
Ameaçando me chegar à boca,
Infinitamente mais escuro
E raptor, teu beijo é ósculo.

RESENHAS

JANIO SANTOS SOBRE FOTO DE FELIPE RIBEIRO



Gilvan Lemos cria “homens” e não meras imitações

Cepe relança agora um dos romances mais famosos do escritor pernambucano

Raimundo Carrero

Os olhos da treva é um desses romances que consomem o leitor, sem deixar margem para desenganos. Escrito da década de 1970 do século passado está chegando às livrarias em nova edição promovida pela Companhia Editora de Pernambuco. O seu autor, Gilvan Lemos, é um dos mais importantes escritores de Pernambuco, integrando a geração Pós-Regionalismo e anterior ao Movimento Armorial, e vive um momento de redescoberta.

O silencioso Gilvan Lemos é o homenageado da *Bienal Internacional do Livro de Pernambuco* em 2013. Nada mais justo. Há pouco foi eleito para a Academia Pernambucana de Letras. Mas faltou à própria posse. Alegou um problema de saúde. É compreensível. Gilvan não seria Gilvan sem essas ausências, sem o silêncio típico da sua personalidade única, que pode ser vista caminhando pelas livra-

rias do centro do Recife todas as tardes.

Contando a história de Mila e Jomo, *Os olhos da treva* alcança um notável nível estético, fazendo com que seus personagens abandonem a Sociologia e a Antropologia, para se realizarem no plano do mito narrativo, como figuras únicas e permanentes, seduzindo os leitores pela atuação e pelo vigor. De forma que são só personagens de prosa e não imitação.

Assim, Gilvan situa-se entre o Regionalismo e o Armorial, destacando-se como um artista inovador e independente, com os seus próprios caminhos, embora seu primeiro livro – *Os emissários do diabo* – mostre uma clara influência de Graciliano Ramos, com uma frase cortante e vigorosa, além de personagens secos e incisivos.

Os olhos da treva é um romance praticamente descoberto pelo escritor pernambucano Renato Carneiro Campos, que

apresentou a Hermilo Borba Filho, responsável pela publicação na Civilização Brasileira, na época a principal editora do Brasil. Imediatamente teve uma outra edição pelo Clube do Livro de São Paulo. Mais tarde, participou de um grande acordo editorial envolvendo as editoras Três, a José Olympio e a Civilização, vendendo mais de 80 mil exemplares. Gilvan, então, foi chamado de renovador da Literatura Brasileira, pelo crítico Mário da Silva Brito, um dos mais importantes do Brasil.

Entusiasmado, Hermilo Borba Filho, que sempre exaltou as qualidades do escritor pernambucano, abriu-lhe também as portas da editora Globo, quando ainda operava no Rio Grande do Sul, que levou às livrarias o livro de novelas *A noite dos abraçados*, que encantou Érico Veríssimo. Assim, Gilvan Lemos conheceu a consagração absoluta no cenário literário.

Por sugestão de Hermilo, Gilvan chegou a cortar um capítulo inteiro de *Os olhos da treva*, considerado frágil para uma obra tão forte. O romance, então, ganhou mais densidade, e perdeu um ar de ironia, que não lhe parecia adequado. Dono desta obra densa, o autor pernambucano integra a relação de escritores antológicos brasileiros.



ROMANCE

Os olhos da treva
Autor - Gilvan Lemos
Editora - Cepe
Preço - R\$ 30,00
Páginas - 222

Mariza
Pontes

NOTAS
DE RODAPÉ

LITERATURA FANTÁSTICA

Especialistas debatem na UFPE influência da Literatura oriental no conto fantástico ocidental

Grande expectativa para o *II Congresso de Literatura Fantástica de Pernambuco*, organizado pelo Núcleo de Estudos Oitocentistas do Depto. de Letras da UFPE, de 5 a 8 de março. O tema é a influência de *As mil e uma noites* (reprodução) no conto fantástico ocidental. Haverá palestras de especialistas, como Mamede Mustafa Jarouche, responsável pela primeira tradução direta do árabe para o

português do livro milenar, que lançará o 4º volume; além de atividades artísticas e culturais, como o *1º Salão de Arte Fantástica de Pernambuco* e concertos musicais. As atividades acontecem no Centro de Artes e Comunicação e no Centro de Filosofia e Ciências Humanas. A programação será detalhada em www.fantasticoempnambuco.blogspot.com.

REPRODUÇÃO



REPRODUÇÃO



Conheça os Zeróis

Heróis com um zero à esquerda tornam-se Zeróis. Seres que transitam num cenário onde a necessidade de salvar o mundo é tão importante quanto lavar uma pilha de roupas sujas. Icônicos, personagens como Super-Homem, Capitão América ou Batman já fazem parte do imaginário dos que possuem um conhecimento básico sobre quadrinhos. Criações, que, para muitos, representaram a porta de entrada para esse universo. E assim o foram para Ziraldo. Com os primeiros esboços surgidos durante sua infância, os Zeróis tiveram sua primeira aparição oficial cerca de 20 anos depois, na revista *Fatos e Fotos*, posteriormente passando para outras publicações nacionais e internacionais. No ano em que comemora 80 anos de vida, Ziraldo ganha uma importante homenagem: uma compilação em

edição de luxo de seus super-heróis, com textos da roteirista Maria de Gessy, e comentários do próprio, em formato de legendas. *Os Zeróis* (Globo Livros) traça um parâmetro desse trabalho, que durante a década de 1960 representou uma fina e irônica crítica – bem-humorada e irreverente –, ao regime militar vigente. **(Olivia de Souza)**



QUADRINHOS

<i>Os Zeróis</i>
Autor – Ziraldo
Editora – Globo Livros
Preço – R\$ 59,90
Páginas – 256

REPRODUÇÃO



O fetiche do Quixote

Se por um lado escutamos a cada dia mais e mais histórias sobre o fim do livro como objeto físico, as editoras continuam apostando em edições que são verdadeiros fetiches para o leitor, digamos, “tradicional”. É o caso do box com os dois volumes do clássico de Cervantes que a Companhia das Letras acaba de lançar, pelo seu selo Penguin Companhia. Esse box, que engloba mais de 1320 páginas e pesa cerca de 1kg, traz a tradução do escritor e jornalista Ernani Ssó e tem capa de Alceu Nunes sobre ilustração de Samuel Casal. Mas as atrações para que os leitores conheçam essa nova versão da obra não ficam por aí: há notas escritas por Ricardo Piglia e a reprodução de um clássico texto de Jorge Luis Borges sobre Quixote, que

retrata o realismo *sui generis* que o escritor espanhol imprimiu no seu famoso personagem. Para além de tantos adereços, o importante é você ir reencontrar aqui a obra que ajudou a humanidade a entrar na era moderna e abandonar de vez a idade média.



ROMANCE

<i>Dom Quixote</i> (2 volumes)
Autor – Miguel de Cervantes
Editora – Companhia das Letras
Preço – R\$ 79,00
Páginas – 1328

PRATELEIRA

A MULHER DA GARGANTILHA DE VELUDO E OUTRAS HISTÓRIAS

Um lado pouco conhecido de Alexandre Dumas é a sua paixão por histórias de terror. Apesar da fama como autor de romances de capa e espada, como *Os três mosqueteiros* e *O conde de Montecristo*, sua imaginação também foi povoada por histórias de vampiros, fantasmas e crimes macabros. O volume reúne duas histórias arrepiantes, numa das quais um homem conversa com a cabeça da esposa que decapitou.



Autor: Alexandre Dumas
Editora: Zahar
Páginas: 368
Preço: R\$ 49,90

O ATENEU

Mais um clássico da Literatura brasileira conquista novas mídias: com roteiro e arte de Marcelo Quintanilha, o *Ateneu*, de Raul Pompéia, ganha versão em quadrinhos, sem perda do aspecto crítico, principalmente em relação às instituições educacionais do final do século 19. O autor retrata a vida de um menino de 11 anos no internato, onde encontra um ambiente de rigidez, autoritarismo e intensa hostilidade.



Autor: Raul Pompéia
Editora: Ática
Páginas: 96
Preço: R\$ 29,90

O MERCADOR DE LIVROS MALDITOS

Premiado como melhor romance de 2012, na Itália, com 17 edições impressas em apenas três meses, o livro do arqueólogo e bibliotecário Marcello Simoni conta uma história de suspense, passada em 1205, em torno de um raríssimo livro perseguido por mercadores, cujos capítulos, ao serem reunidos, podem evocar o poder dos anjos, levando ao domínio do mundo. A obra é rica de conhecimentos sobre a Europa medieval.



Autor: Marcello Simoni
Editora: Jangada
Páginas: 368
Preço: R\$ 39,90

UM SÉCULO DE PAULO GRACINDO

A biografia de Paulo Gracindo, escrita por seu filho, o também ator Gracindo Júnior, e pelo especialista em teledramaturgia Mauro Alencar, oferece um panorama, fartamente ilustrado, da Era de Ouro do rádio, dos primórdios da televisão brasileira e dos bastidores da teledramaturgia, áreas por onde o biografado transitou como ator de drama e comédias, locutor, animador de auditório, compositor, redator e poeta.



Autores: Gracindo Júnior e Mauro Alencar
Editora: Gutemberg
Páginas: 275
Preço: R\$ 67,00

PRÊMIO PERNAMBUCO

Concurso literário inscreve até 30 de janeiro

A Companhia Editora de Pernambuco e a Fundarpe promovem o *I Prêmio Pernambuco de Literatura*, que oferece R\$ 15 mil ao melhor livro inédito e R\$ 5 mil aos melhores de cada região. Podem ser inscritos romances, contos e poesias. Os vencedores serão publicados pela Cepe Editora. O regulamento do prêmio está disponível nos sites www.fundarpe.pe.gov.br, www.cepe.com.br, e editora.cepe.com.br.

INTERNET

Crescem inscrições para encontro de blogs em Alagoas

Mais de 30 poetas, contistas, cronistas, novelistas, romancistas, memorialistas e dramaturgos que produzem e publicam os seus blogs literários já se inscreveram para participar da segunda *Reunião de Blogs Literários do Nordeste*, que será realizada em maio, em Maceió (AL). Os interessados podem se inscrever apenas enviando o link do blog para o e-mail do organizador do encontro, o editor e poeta Juarez Correira: jcpanamerica21@gmail.com.

E-BOOKS

EdUFSCar publica livros em suporte digital

A editora da Universidade Federal São Carlos fechou parceria com a SciELO Livros, plataforma digital que revolucionou o acesso a artigos científicos no Brasil, para publicar em e-books os conhecimentos produzidos na universidade. Quinze títulos estão sendo preparados segundo padrões internacionais, que permitem o controle de acesso e de citações, sendo legíveis nos leitores de *e-books*, *tablets*, *smartphones* e telas de computador.

CRÔNICA

Schneider Carpeggiani

KARINA FREITAS

Ele não está!

Os vazios deixados por Roberto Bolaño num balneário espanhol



“**Como seguir alguém** que não se mexe?” – Roberto Bolaño em *Estrela distante*.

Blanes é um balneário próximo a Barcelona com uma pedra dos suicidas a recepcionar os turistas, uma feirinha de artesanato, inúmeros restaurantes servindo *paella* de arroz negro e uma livraria quase sem livros. Um cenário tão desolador em sua banalidade que pode causar uma síndrome de serendipidade, palavra de longa extensão a designar acasos. Você sai em busca de uma coisa e encontra outra. Serendipidade é o estado de espírito que certos viajantes confundem por crise. Explico: crises são os momentos em que não entendemos o inusitado das coisas... Se era para estar num lugar, como fui parar em outro? As crises se encerram quando compreendemos onde chegamos. Crises equivalem a serendipidades não digeridas.

Em junho passado, parti com uma amiga fotógrafa para Blanes com a missão de fazer a “rota Roberto Bolaño” para uma revista. Foi lá que o escritor chileno viveu seus últimos anos e escreveu a parcela mais importante da sua obra, até morrer de insuficiência hepática em 2003. Havia pesquisado na internet a experiência de alguns viajantes que tiveram a mesma ideia (li que uma jovem autora chegou a se hospedar no apartamento em que ele morou, numa tentativa de posseção disfarçada de residência artística), anotado endereços, traçado metas e nada. A matéria nunca foi concluída. Houve, sim, um

esboço de texto, escrito às pressas num balcão de padaria, que acabou sendo extraviado, ou eu mesmo quis que fosse extraviado, uns dois meses depois. Escrever sobre Blanes parecia tão sem sentido que o melhor talvez fosse escrever uma tentativa de escrita, o ensaio como obra final (talvez apenas para mim mesmo, ainda que todo texto seja, no fundo, endereçado a terceiros). E pronto.

Todas as anotações que fiz durante o percurso, e também todas as entrevistas com moradores que pareciam se vangloriar de serem monossilábicos, acabaram se perdendo deliberadamente. Fui ao restaurante onde Bolaño pedia uma infusão e uma omelete todas as manhãs, sentei à mesa em que possivelmente havia sido o cenário da sequência final de *Estrela distante*, romance em que o escritor pela primeira vez se reconheceu como detetive selvagem. Fui à livraria onde ele esperava o filho sair do colégio, na verdade uma papelaria com dois ou três livros de Isabel Allende (a inimiga!) e cartões postais amarelados, comandada por uma mulher (bastante) interessada na nossa descrição do carnaval brasileiro. Experimentei o ponto certo do café que ele tanto gostava, num restaurante mais à frente. Não, nada parecia valer um texto.

Minha amiga não parava de reclamar da falta de coisas fotografáveis ao redor, até que ela teve uma ideia: tirar fotos das ruas da cidade e apagar todos os transeuntes. Um *insight* bacana, mas

a troca? Tudo ali já era tão sem sentido, tão vazio, que o truque provocaria apenas uma triste ênfase. “Por que esse homem veio para cá?”, ela me perguntava, e junto eu me perguntava o mesmo. Foi quando nos perdemos no centro labiríntico de Blanes em busca do apartamento onde o Bolaño escreveu *Estrela distante*, no último prédio de um beco sem saída.

O acesso principal para a *calle* do escritor estava bloqueado por uma reforma da prefeitura. Tivemos de fazer um malabarismo para ter acesso ao local, com direito à inscrição “Viva Franco” no caminho. Cheguei a tocar na campainha do tal apartamento. Ninguém atendeu. A dona de uma loja, que ficava em frente ao prédio, nos alertou que aquela era uma rua de alojamentos de veraneio. Possivelmente não havia morador algum ali, já que a alta estação mal havia começado. Perguntei se ela se recordava de Bolaño. “Era um homem simpático, mas estranho... Um artista”, foram as únicas coisas que guardei na memória das inúmeras entrevistas frustradas que fiz. É compreensível: como esquecer algo tão esquecível como essas palavras?

Nossa última parada em Blanes foi uma visita à biblioteca pública, onde havia uma placa em homenagem ao escritor, resquício solitário da sua vida na cidade. Estava fechada. Retornamos a Barcelona com fotos falsas de ruas vazias e com uma matéria que não fazia sentido. Pensei seriamente em escrever sobre a falta

de Roberto Bolaño na “rota Roberto Bolaño”, mas só reclamar era tão fácil, tão mais do mesmo, que deixei para lá. E mais: queria escrever sobre uma falta, mas Bolaño não problematiza faltas, e sim ausências. E talvez não exista falta na ausência.

Fiquei esses meses todos com um texto inexistente entupido na garganta. É aí que entra a tal da serendipidade. Ontem à noite resolvi fechar minha Gestalt bolaniana. Eu não precisava escrever sobre a “Rota Bolaño”, ou citar aqui o nome da *calle* onde ele morou, nem descrever os lugares em que ele trafegou como um homem simpático, porém “artista”, para compreendê-lo melhor ou fazer o leitor compreendê-lo melhor. Sim, Bolaño estava todo em Blanes, eu é que não entendia: ele é o beco sem saída; o apartamento vazio; a pedra dos suicidas; nosso desdém diante dos restaurantes em série; a livraria sem livros; a mulher que sonha em se exilar (sim, o verbo é necessário) nos trópicos, ainda que viva num balneário; a biblioteca fechada; as fotos falsas da minha amiga... Escritores não descrevem paisagens, mas as deformidades dessas paisagens, eles olham através da gente, funcionam como relógios que não dependem da exatidão das horas e preferem adiantar o tempo. Adiantar nossa percepção das coisas. A ausência de Bolaño valeu por um encontro.

Talvez literatura não seja mesmo assunto de rotas turísticas. Turistas já sabem aonde vão.